

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS LINGUÍSTICA

LÁZARO TSERENHEMEWE TSERENHITOMO

CONHECIMENTOS E SABERES MATEMÁTICOS NA LÍNGUA DO POVO
A'UWÊ UPTABI

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

LAZARO TSERENHEMEWE TSERENHITOMO

3. Título do trabalho

CONHECIMENTOS E SABERES MATEMÁTICOS NA LÍNGUA DO POVO A`UWE UPTABI

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 28/04/2025, às 07:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lazaro Tserenhemewe Tserenhitomo, Discente**, em 28/04/2025, às 09:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5331428** e o código CRC **9174F310**.

Referência: Processo nº 23070.037640/2024-22

SEI nº 5331428

LÁZARO TSERENHEMEWE TSERENHITOMO

CONHECIMENTOS E SABERES MATEMÁTICOS
NA LÍNGUA DO POVO A'UWË UPTABI

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), da Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline da Cruz

Coorientadora: Prof^a Dr^a Walkíria Neiva Praça

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

TSERENHITOMO, LÁZARO TSERENHEMEWE
CONHECIMENTOS E SABERES MATEMÁTICOS NA LÍNGUA DO
POVO A'UW? UPTABI GOIÂNIA [manuscrito] / LÁZARO
TSERENHEMEWE TSERENHITOMO. - 2025.
94 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Aline da Cruz; co-orientadora Dra. Walkíria
Neiva Praça.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras.

1. Saberes Xavante. 2. Etnomatemática.. 3. Matemática
Xavante.. I. Cruz, Aline da, orient. II. Título.

CDU 82



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº **15** da sessão de defesa de dissertação de **LAZARO TSERENHEMEWE TSERENHITOMO** que confere o título de **Mestre** em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos

Aos **nove** dias do mês de **agosto** do ano de **dois mil e vinte e quatro**, a partir das **quatorze** horas, na sala 4, do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Goiás, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação intitulada "**A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO E SABERES MATEMÁTICOS DA LÍNGUA DO POVO A'UWE UPTABI**". Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Aline da Cruz** (Presidente/PPGLL/FL/UFG), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Prof. Dr. Adailton Alves da Silva** (UNEMAT), membro titular externo e **Profa. Dra. Tania Ferreira Rezende** (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição, os membros da banca fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da dissertação tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela , **Profa. Dra. Aline da Cruz**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **nove** dias do mês de **agosto** do ano de **dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

CONHECIMENTOS E SABERES MATEMÁTICOS NA LÍNGUA DO POVO A'UWE UPTABI



Documento assinado eletronicamente por **Tania Ferreira Rezende, Professora do Magistério Superior**, em 22/05/2025, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Pereira Camargo, Coordenador de Pós-Graduação**, em 22/05/2025, às 13:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Da Cruz, Professora do Magistério Superior**, em 23/05/2025, às 20:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5388939** e o código CRC **13EC64C2**.

Referência: Processo nº 23070.037640/2024-22

SEI nº 5388939

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Aline da Cruz
Orientadora
(Universidade Federal de Goiás - UFG)

Profª Drª Walkíria Neiva Praça
Coorientadora
(Universidade de Brasília - UnB)

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Membro Externo
(Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT)

Profª Drª Tânia Ferreira Rezende
Membro Interno
(Universidade Federal de Goiás - UFG)

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar, a Deus pela oportunidade em realizar um sonho.

Às professoras Aline da Cruz e Walkíria Neiva Praça, que me acompanharam na elaboração do texto durante o tempo em que fiz a minha pesquisa.

Aos professores Tânia Rezende, Bruno Carneiro, Mônica Veloso Borges, Gláucia Vieira Cândido, Andrey Nikulin, Mário Coelho da Silva e José Pedro Machado Ribeiro pelo incentivo e pela orientação no trabalho do texto, assim como pela amizade construída no decorrer da minha formação.

Aos profissionais de educação da aldeia Marãiwatsédé, por compartilharem seus conhecimentos e acreditarem na pesquisa como fonte de conhecimento para nossa comunidade.

Aos meus familiares, que sempre me incentivaram a buscar novos conhecimentos para melhorar a vida na comunidade.

Aos alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Marãiwatsédé, por me incentivar nos estudos para que possamos construir uma educação mais sólida com os valores da comunidade Xavante de Marãiwatsédé.

Aos anciões da comunidade: Dário Penhõrõ, Lourenço Tserewatsa, Padre Aquilino Tsere'ubu'õ, Martinho Tsirẽ'edi e Adailton Alves da Silva pelas entrevistas concedidas para esse trabalho.

A todos os professores da Universidade Federal de Goiás (UFG), pelas valiosas contribuições de conhecimento durante o curso.

Resumo: Esta pesquisa de mestrado tem como objetivo estudar o conhecimento e saberes matemáticos na língua do povo A'uwẽ Uptabi, com especial atenção às línguas que são usadas no ensino dos saberes matemáticos na educação escolar indígena. Considera-se que a Matemática Xavante tem que se fortalecer e ser estudada, para que os estudantes não abandonem sua realidade na sala de aula. Ou seja, a partir da observação de que as concepções matemáticas do povo Xavante não estão escritas em livros, meu objetivo é justamente contar e mostrar a realidade da matemática do Xavante na escrita, para que jovens Xavante possam aprender a matemática também em sua língua materna.

Palavras-chaves: Etnomatemática; saberes xavante

Resumo em A'uwẽ Uptabi : ãhã romhuri duré rowatsi hã, hõïmanada rowaihu'uma ãma itsiwi dzém'ãma duré rotsa'rata uptabi nahã, hõïmanada romnhõré Rowatsu'u ãma Imrõ nahã, ãma Imrõ na rowatsu'u A'uwẽ Uptabi tehã, we hõïmana mono wa uburé damrémé natsi duré niha ãma 're iwa hõïmana mono dzö duré wate ãma 're romnhõré dza'ra monoda wate romnhõrédzéb'remhã.

ãma imrõ A'uwẽ Uptabi te wate watsiwi tsipteteda duré wate ãma 're romnhõré dza'ra mono duré romnhõré wanõri te tsiwi 'rēmẽ toda wate mari uptabi we ihõïmana dza'ra mono wate ãma romhuri dza'ra romnhõré dzém'ãma hã. Awa'awi hã, romadö duré rotsa'rada ãma imrõ A'uwẽ Uptabi te nahã, itsihödö hõïmana õdi, taha'wa inhimi rotsa'rada hã, te watsu'uda ãma imrõ wate uptabi hã, niwamhã

Palavras-chaves: em Xavante: A'uwẽ Uptabi; Ihõïmana tsiró

Sumário

0. INTRODUÇÃO	6
1. TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR A 'UWÊ UPTABI.....	9
1.1 Apresentação do Lázaro.....	10
1.2. Tornando-me um 'ritéi' wa.....	13
1.3. O Primeiro Encontro com o Mundo do Waradzu	14
1.4. De Estudante a Professor	15
2. LÁZARO TSERENHEMEWÊ TSERENHITOMO HÖIMANA WATSU'U	21
3. METODOLOGIA	39
4. O POVO A'UWÊ UPTABI.....	41
4.1 O Território do povo A'uwê Uptabi	41
4.2 Organização Social do povo A'uwê Uptabi	44
4.3 As Danças Tradicionais do povo A'uwê Uptabi	47
4.3 História do Povo Xavante A'uwê Uptabi	50
5. ALGUNS ASPECTOS DA MATEMÁTICA DO POVO A'UWÊ UPTABI.....	59
5.1 O corpo como medida para a produção do arco e flecha	61
5.2 A matemática na corrida de tora de buriti.....	64
5.3 O Calendário A'uwê Uptabi	65
5.4 A Geometria Tradicional do povo A 'uwê Uptabi	71
5.5 A Construção de casa antiga 'ri uptabire.....	73
5.6 A construção de casa atual do povo xavante.....	77
6. A MATEMÁTICA NA ESCOLA XAVANTE ATUAL	80
6.1 Algarismos na língua A 'uwê: a concepção dual se mistura com a descrição do sinal gráfico	81
6.2 A aula de Matemática A'uwê Uptabi: bilinguismo e interculturalidade	83
6.3 Estudos sobre concepções matemáticas de povos indígenas	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	90

Índice de Ilustrações

Figura 1 Lázaro no Encontro de Professores em Canarana, 2008	10
Figura 2 Casamento com Simone Ro'odzube.	15
Figura 3 Lázaro e Prof. Adailton e os Professores Xavantes, no II Encontro de Professores em Canarana, 2008.....	19
Figura 4 Suiá Missú dia 15 de Agosto de 1966	21
Figura 5 Unificação da Gráfia da Língua Xavante, São Marcos, 28 de junho a 03 de julho de 1975	22
Figura 6: imõri'rada buruna romhuri imama nhimi romhuri.....	23
Figura 7 Imõri'rada Buruna Romhuri Imama Nhimi Romhuri, Aldeia Tsiba'adzatsi.....	23
Figura 8 Amnhõ ubumrõ ti'ra tsadzébdá	24
Figura 9 Udzôné.....	24
Figura 10 Tepe Mrâmi Datsai Wadzaribdzéda	25
Figura 11 Tepe dzebre.....	25
Figura 12 Abadzenhi Datsai Wadzaribdzéda.....	25
Figura 13 Abadzenhi dzebre	26
Figura 14 Casamento com Simone Ro'odzube	29
Figura 15 Lázaro ministrando a Aula na Escola de Mrãiwatsédé.....	31
Figura 16 A'uté te romhõré	31
Figura 17 Lázaro e Adailton Encontro Pedagógico dos Professores Xavantes na Aldeia Caçula de 2008.....	33
Figura 18 Lázaro, Renato, Goiano e Adauto no Encontro Pedagógico, 2008	33
Figura 19: Formatura do Magistério de 2010	35
Figura 20: Mapa das Terras Indígenas Xavante.....	42
Figura 21: Mapa da região da serra do Roncador	43
Figura 22: Terra Indígena Marãiwatséde	44
Figura 23: Öwawe	44
Figura 24: Po'redza'õnõ.....	44
Figura 25: Filhos e sobrinhos do autor no Oi'ó (Luta dos Meninos)	45
Figura 26: Wai'a na Bö'u 1966.....	45
Figura 27: Corrida de Tora do povo A'uwê Uptabi	46
Figura 28: Corrida de Tora de Buriti, na Marãiwatsédé, na década de 1940.....	46
Figura 29: Dadzarõnõ: a última dança dos adolescentes. 30 de abril de 2023, Marãwaisédé	48
Figura 30: Dadzarõnõ: a última dança dos adolescentes. 30 de abril de 2023, Marãwaisédé	48
Figura 31: Dapraba - Dança do 'Ritéi'wa (Jovem).....	49
Figura 32: Dança do Wamnarĩdóbe (dança dos padrinhos).....	50
Figura 33: Viagem dos Xavantes de Marãiwatsédé para São Marcos, em 15 de agosto de 1966.....	54
Figura 34: Freiras salesianas cuidando dos doentes em Marãiwatsédé	55
Figura 35: Doentes em Marãiwatsédé.....	55
Figura 36: A última dança dos adolescentes, com os anciãos puxando o canto.	59
Figura 37: A ordem crescente dos jovens no 'ritéi'wa.....	60
Figura 38: Fila de jovens no 'ritéi'wa.....	60
Figura 39: Jovens aprendendo sobre a vida dos homens no 'ritéi'wa.....	61
Figura 40: Desenho do Arco e Flecha.....	62
Figura 41: Xavantes com arco e flecha.....	63
Figura 42: Treinamento no Centro antes da GuerraFonte: Dário da Riva, parte do acervo da OPAN	63
Figura 43: Homem usa o Arco e Flecha na Festa dos Homens	64
Figura 44: Produção da tora de buriti para a corrida. Na aldeia Marãiwatsédé, em 05 de fevereiro de 2019.....	65
Figura 45: Ilustração das fases do dia.	66

Figura 46: Fases do dia.	67
Figura 47: Milho Xavante (Nõdzö), na Aldeia Marãiwatsédé 11 de Dezembro de 2009.....	69
Figura 48: Milho Xavante (Nõdzö), na Aldeia Marãiwatsédé 11 de Dezembro de 2009.....	69
Figura 49: Plantação de milho na Aldeia Marãiwatsédé.....	69
Figura 50: Arroz, Abobara e Mandioca na Roça Tradicional.....	70
Figura 51: Jabuti.....	72
Figura 52: Pi 'õ usando um dza 'u 'e, durante a festa do Abahi'rãihidiba.Fonte: Foto na Aldeia Água Limpa	72
Figura 53: Sr. Azevedo Tserewa'warã Xavante em frente a 'ri uptabire, na aldeia Bö'u, na Terra Indígena Marãiwatsédé	73
Figura 54: Primeiro passo para a construção da casa tradicional 'riuptabire: colocação da tsihuiwedeFonte: Ilustração do autor	74
Figura 55: Segundo passo para a construção da 'ri uptabire: colocação das wedewareFonte: Ilustração do autor.....	74
Figura 56: Terceiro passo para a construção da 'ri uptabire: colocação de um 'rãna.....	75
Figura 57: Quarto passo para a construção da 'ri uptabire: colocação de 'Retsu	76
Figura 58: Aldeia com casas redondas, na década de 1940	77
Figura 59: Início da construção da casa atual	78
Figura 60: Construção de 'ri com folha de macaúba.....	78
Figura 61: Construção de 'ri com folha de macaúba e lona	79
Figura 62: Casas atuais na Aldeia Burupá	79
Figura 63: Exemplo de atividade de soma em aula de Matemática.....	80
Figura 64: Divisão da caça entre quatro caçadores.....	81
Figura 65: Foto na Universidade de Estado do Mato Grosso 16 de Julho de 2013.....	83
Figura 66: Foto na Aldeia Marãiwatsédé 14 de Outubro de 2014.....	83
Figura 67: Atividade de Soma na Escola Municipal Marãiwatsédé	84
Figura 69: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica de Marãiwatsédé.....	85
Figura 70: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica de Marãiwatsédé.....	86
Figura 71: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica.....	86

0. INTRODUÇÃO

Escolhi estudar, de acordo com a abordagem intercultural da linguagem, a Etnomatemática do Povo Xavante A'uwẽ. Proponho fazer um relato de experiência para explicar oralmente para que os meus companheiros entendam melhor o que é a Etnomatemática do Povo Xavante A'uwẽ Uptabi e como era a matemática do A'uwẽ Uptabi antes da colonização.

A Matemática A'uwẽ tem que fortalecer para não abandonar a sua realidade. Um outro problema para do Povo A'uwẽ é o fato de nossa Matemática não estar escrita no livro, por isso cada vez mais tem que produzir em todas as escolas indígenas ou nas Universidades do Brasil para todo mundo conhecer a Matemática A'uwẽ.

O objetivo deste trabalho com a Etnomatemática do Povo A'uwẽ Uptabi é contar e mostrar a realidade da Matemática do A'uwẽ na escrita e a importância de os jovens A'uwẽ aprenderem a matemática tradicional de seu povo, que também faz parte da língua materna de seu povo.

A tradição oral dos povos indígenas é histórica. Somos um povo A'uwẽ que prima pela sua oralidade, mais do que pela sua grafia. Desde pequenos, acostumamos a vivenciar os saberes, através de um olhar, em que vamos assimilando tudo aquilo que os nossos pais, lideranças e anciãos vão, aos poucos, nos ensinando. Esses saberes são muito importantes para a preservação da nossa cultura. Dessa forma, quando me proponho a fazer uso desses conhecimentos no espaço da escola, busco transcrever, registrar, explicar no papel e praticar conhecimento/saberes da cultura do povo A'uwẽ para valorizar os nossos saberes tradicionais.

Assim, meu objetivo foi fazer o detalhe na pesquisa, na oralidade e na escrita, porque eu preciso mostrar tudo, a realidade, a Matemática do Povo Xavante A'uwẽ Uptabi. Em primeiro lugar, vou fazer a pesquisa para conhecer a história da Matemática do Povo A'uwẽ e como antigamente os A'uwẽ usavam com a contagem dos números e também se antigamente os A'uwẽ escreviam os números e como os A'uwẽ usam a matemática até hoje.

Para acessar os conhecimentos sobre como era antigamente, o trabalho será desenvolvido por meio de depoimentos dos anciãos da comunidade indígena A'uwẽ. Além disso, a demonstração pelas fotos, mas esse vai completar o meu trabalho final e ficam juntos a minha pesquisa para acompanhar o detalhe a história da Matemática dos A'uwẽ.

Com esta pesquisa, espero mostrar os processos da linguagem da matemática dos A'uwẽ para a comunidade e para os não indígenas. Para tanto, fiz um relato de experiência no *warã*, termo pelo qual é conhecido o pátio central da aldeia onde os homens se reúnem todos os dias. Antes de iniciar minha pesquisa, expliquei a todos no *warã* para que conhecessem minha pesquisa, mas também para descobrir a realidade baseada no fato real. Depois escolhi um ancião para marcar o dia para conversar, ao mesmo tempo escrevi a fala dele, mas gostaria de no futuro documentar na gravação no áudio e (gravar em vídeo) os saberes dos anciãos sobre a Matemática tradicional do Povo A'uwẽ Uptabi (as

formas antigas de calcular e de contar). Sugiro que sim, tem que convidar os anciãos para ir à escola, na sala de aula de seus alunos, porque a minha ideia os alunos poderem ouvir a fala dele. Eles também têm de aprender a realidade da Matemática do Povo A'uwẽ Uptabi. E para eles é muito importante ouvir os anciãos para entender melhor, e para contar na língua materna como é na cultura A'uwẽ a forma de contar, de calcular. Na cultura do Povo Xavante, antigamente contavam e calculavam na sua mente e na observação, conversam sobre as diferenças entre a Matemática tradicional A'uwẽ e a matemática ocidental, a não indígena.

No meu entendimento cada um tem a sua realidade diferente, cada povo tem a história da Matemática diferentes. Então, na minha comunidade, precisam aprender com a Matemática Xavante.

Para desenvolver este trabalho, inicio pelo relato da minha história. Quando entrei como o professor e sempre encontrava a disciplina a matéria a Matemática em cada turma porque eu gosto da Matemática. Então, eu sempre penso antes de dar a aula como vou trabalhar dentro da sala de aula e às vezes pego livros didáticos para fazer o planejamento antes ir para a escola. Um dia, perguntei um ancião será tem a Matemática dos Xavante. Então, um ancião me respondeu que tem a Matemática dos Xavante. E aí eu sempre trabalho os dois, a Matemática dos Xavante e da Matemática do não índio, mas os alunos da minha escola aprendem logo, porque eles aprendem mais rápido e vou dar a aula e sempre faço a comparação dentro da sala de aula e alguns dias eu convido os anciões(ãs) para vir na escola para os alunos ouvirem a sua explicação e eu sempre trabalho assim na Matemática.

Para mim, foi muito bom para aprender mais a Matemática dos Xavante, porque ninguém pensou com a Matemática dos Xavante, porque é muito complicado para contar como antigamente os Xavante usavam a sua contagem e do seu cálculo, por isso eu escolhi a Matemática dos Xavante A 'uwẽ Uptabi.

Ao meu ver, os alunos Xavante precisam conhecer e aprender a Matemática dos Xavante, porque os alunos no passado aprendiam a Matemática do não índio e não sabiam a história da Matemática dos Xavante, porque os professores Xavante só ensinavam a Matemática Ocidental. Hoje, os alunos querem aprender a Matemática dos Xavante e eles procuram aprender a realidade da Matemática dos Xavante.

Para os anciãos, a Matemática dos Xavante é muito importante, por isso eles falam para os professores Xavante convidarem eles para participarem também na sala de aula, para contar a história da Matemática dos Xavante e na opinião dele, os alunos têm que anotar a fala dele e têm que registrar no papel antes que eles morram, caso contrário, vamos perder a Matemática dos Xavante.

Eu aprendo a Matemática dos Xavante. É muito importante, porque cada povo tem a Matemática própria, mas os Xavante têm a Matemática própria, por isso eu aprendo a história da Matemática dos Xavante.

Desta forma, iniciei este trabalho pelo meu relato de experiência por escrito em Português, no primeiro capítulo, e em Xavante, no segundo capítulo. No capítulo 3, apresento a metodologia do trabalho, indicando as entrevistas que realizei. Em seguida, no capítulo 4, apresento um pouco da história do meu povo, focalizando na luta para reconhecer a Terra Indígena Marãiwatsédé. No capítulo 5, trato de alguns aspectos da Matemática A'uwẽ Uptabi, ao passo que no capítulo 6, demonstro como a Matemática A'uwẽ Uptabi é integrada à Matemática *waradzu* no ensino nas escolas Xavante. Em todos os capítulos, as fotos e desenhos servem para eu melhor para fazer a demonstração junto na escrita.

1. TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR A 'UWË UPTABI

Na formação em Letras e mesmo nos processos de pós-graduação em Letras no Brasil, estamos quase sempre trabalhando com o Português e suas variedades, com um ensino para uma população monolíngue. Em geral, nos esquecemos que o Brasil é um país multilíngue, com mais de 180 línguas indígenas, além das línguas de imigrantes, da Libras, entre outras.

O professor formado se prepara para trabalhar com estudantes, que são falantes de Português como primeira língua, e raramente há espaço para refletirmos sobre situações em que o Português não é a primeira língua. A Constituição de 1988, em seu artigo 210, garante às comunidades indígenas de uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem¹. Como são formados esses professores? Neste texto, escrito em coautoria entre orientadora *waradzu*² e orientando A'uwë Uptabi, apresenta-se uma trajetória de formação profissional de um professor na área de Matemática. Como sabemos nas Ciências Exatas e Naturais, as vozes indígenas, quilombolas e de povos não-ocidentais, em geral, são silenciadas, quando não ridicularizadas³. Nesse contexto, como se formam professores de matemática, cuja língua materna, não é uma língua de tradição escrita? Para entender esse processo, este primeiro capítulo apresenta uma biografia de um professor de Matemática.

Em termos metodológicos, esse trabalho resulta de uma série de diálogos interculturais, *waradzu* e A'uwë Uptabi, que posteriormente foram transcritos, como base para um contínuo processo de reescrita a quatro mãos. Poderíamos inclusive dizer que se trata de uma “autoetnografia”. Talvez. Particularmente, prefiro entender esse processo como uma tentativa ainda incipiente e, possivelmente fracassada, de adentrar o universo do outro, da universidade abrir as portas para outras culturas, outras formações, outras formas de conceber o escrito.

¹ Artigo 210, parágrafo 2. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegura às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem

² O termo *waradzu* significa não-indígena.

³ Para uma discussão acerca do uso do uso de estereótipos racistas como forma de entretenimento, cf. Moreira (2019).

1.1 Apresentação do Lázaro



Figura 1 Lázaro no Encontro de Professores em Canarana, 2008

Eu sou Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo e nasci na Terra Indígena São Marcos, no Município de Barra do Garças-MT, em 31 de Outubro de 1982. Sou filho de Cláudio Tserewabdzumdza Tserenhitomo e de Vera Lúcia Pedzaihö Wa'ômõhö. Na época de 1980, antes do meu nascimento, o meu pai trabalhava na roça de toco, caçava e pescava. Como o meu pai trabalhava na roça, ele não costumava ir à cidade de Barra do Garças para fazer as compras dos alimentos no supermercado e nem para comprar roupas nas lojas, como faziam os funcionários da FUNAI Xavante. Desta forma, meu pai só tirava os alimentos com próprio suor. Além disso, meu pai sempre trabalhava junto com os padres da Missão Salesiana.

Meu pai sempre foi reconhecido como um jovem de destaque na comunidade em que nasceu na Terra Indígena Marãiwatsédé. Em 25 de abril de 1957, criaram a aldeia São Marcos. Posteriormente, em 1966, os anciãos reuniram um grupo de jovens para fortalecer a Terra Indígena São Marcos, mudando-se para essa região. Como meu pai era bastante respeitoso com os anciãos, foi escolhido por eles como líder deste grupo de adolescentes e jovens (chamados em A'uwẽ Uptabi) de *wapté*. O grupo foi denominado *Tsadaró*.

Na década de 1970, os padres Salesianos pensaram, juntamente com os Xavante, sobre a formação de uma escola na comunidade. Na ideia dos padres, os Xavante têm que escrever e não podem usar só a oralidade. Eles precisavam trabalhar na sala de aula, e poderiam produzir a cartilha na língua Xavante⁴. Para tanto, em 1975, os padres fizeram a primeira conferência na aldeia Sangradouro, então os linguísticos⁵ também chegaram para participar juntos com os padres. Os Xavante chegaram de todas as regiões nas Terras Indígenas Sangradouro, Marechal Rondon, São Marcos, Jan Pedro e Ubawawe, e participaram na Conferência junto com os brancos. Na

⁴ Lázaro refere-se ao nome do seu povo como Xavante. O termo A 'uwẽ Uptabi é utilizado por A. Cruz.

⁵ Manteve-se o gênero dos substantivos da maneira escrita por Lázaro, uma vez que a escolha das formas do feminino e do masculino refletem como os A 'uwẽ Uptabi concebem o gênero do Português em sua aquisição desta língua como segunda língua [Nota da orientadora].

conferência trouxeram padres e anciãos de várias regiões: de São Marcos, veio o padre Bartolomeu Gigaria; de Sangradouro, o Mestre Adalberto Heide; de Marachel Rondon, Dona Alice Hathaway, de Jan Pedro e Ubawawe, Dona Joana D'Arc Bardella. Também um linguístico Alexandre Costa Oliveira veio de Brasília e um linguístico veio de Cuiabá. Mas, infelizmente, da Terra Indígena Pimentel Barbosa, ninguém veio para participar.

Posteriormente, houve uma última Conferência, que ficou na Missão Salesiana de São Marcos. Nesta, vieram participar Luciano Tshöbö da T.I Pimentel Barbosa; João Batista Tseré'ápré, Ademir Wa'ané e Alexandre Tserewar da T.I Jan Pedro e Ubawawê; Pedro Bru'rãiré e Paulo Tserewe da T.I Marachel Rondon; Rafael Ritsé, Lucas Ruri'õ e Domingos da T.I Sangradouro; e de São Marcos, participaram Cláudio Tserenhitomo Tserewabdzumdza, Boventura, Raimundo Urébéte.

Então, o meu pai Cláudio Tserenhitomo Tserewabdzumdza e amigos dele foram os primeiros criadores da escrita da palavra do Xavante juntos com o Mestre Adalberto Heide, e colegas Boventura, Raimundo Urebete, Rafael Ritsé e o Lucas Ruri'õ - esses moram em cada duas regiões São Marcos e Sangradouro.

Em 1980, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) instalou um posto na aldeia e para tanto, contratou alguns indígenas. Infelizmente, meu pai não conseguiu o contrato, porque na época estava em Goiânia, acompanhando um tratamento de saúde de minha avó materna.

Logo depois, meu pai voltou para a aldeia e ficou desempregado, porque não tinha mais vaga. Nunca conseguiu o emprego. E nós, os filhos, sofremos junto com eles. Então, ele sempre nos aconselhava a respeitar outras pessoas e também a estudar bastante. Nas palavras dele, “Enquanto vocês estudam, eu vou trabalhar muito para sustentar vocês e também vou caçar muito e vou pescar bastante”. Então, eu cresci e meu pai sempre ensinava a vida dos homens com a dança, os cantos e os trabalhos. Com cinco anos, eu acompanhava meu pai na roça e quando ele ia de madrugada e eu levava a comida junto com ele, porque ele trabalhava o dia inteiro até tarde. Meu pai tinha muito conhecimento: ele sabia a vida dos alimentos e das plantas, várias comidas. Ele sabia qual melhor época para colher e plantar: tudo isso ele sabia. Quando o meu pai fazia a roça, ele ia caçar para achar o melhor lugar de plantar, e aí meu pai sempre perguntava aos anciãos, porque os anciãos sabem o melhor lugar para plantar. Vem do antigo, e não podemos perder as sementes tradicionais, os xavantes comiam o que é bom para comer.

Em 1989, aos 7 anos de idade, meu pai me aconselhou sobre a escola: “se vai estudar tem que estudar sério”. Naquele tempo, eu não tinha camisa e não tinha material escolar e fui para a roça para tirar abóbora e mandioca para levar para os padres, de modo a trocar por panos de tecidos para minha mãe fazer uma camisa e uma bermuda. Como meu pai não tinha um emprego, eles não foram à cidade para comprar as camisas. Sempre aprendi a língua portuguesa na aldeia mesmo. Não

estudei na cidade. Meus professores eram Xavante, mas naquela época eram chamados ainda de “monitores”⁶.

Naquela época, eu comecei o estudo no chamado prézinho⁷. Quando o aluno errava, o professor batia com pau na cabeça. Quando eu comecei o estudo e encontrei professores bons, como o Pedrinho Urebete Paritsi'ê, Cosme Wa'õre Tsitsapi e o Raimundo Urebete. Com muita paciência, eles ensinavam bem para seus alunos. Eu estudei por 2 anos, porque os alunos estudam em 2 anos e depois de 2 anos eles passam na outra série. Depois eu passei na primeira série, eu encontrei um professor que passava muita obrigação para os seus alunos. Se alguém não sabia ler, ele obrigava. Se alguém não sabia escrever, ele batia na mão do aluno para escrever. Se os seus alunos não sabiam fazer as atividades, trancava a porta. Se alguém não terminava as atividades, ele dizia “vai ficar na sala!”. Se alguém terminar, pode sair para sua casa. Se não terminar, pode ficar na sala de aula”. Também acontecia de os alunos brincarem com seus colegas e os dois terem de ficar na parede de castigo, assim os professores xavantes falavam para seus alunos. Naquela época, os professores eram só os Xavante e na Escola Dom Fellipo Rinaldi, os professores trabalhavam na base do prézinho até 4ª série. Apenas na quinta série começavam as aulas com os padres, que trabalhavam só até na oitava série⁸. Naquela época, ainda não tinha Ensino Médio na aldeia.

O Padre Pedro é fundador da aldeia São Marcos em 1957. Foi ele que trouxe os padres para São Marcos. O padre Pedro criou uma horta para plantar o que os padres queriam comer. Como o padre Pedro não trabalhava sozinho, chamava meninos xavantes para trabalhar junto com ele. Durante o trabalho, o Padre Pedro ensinava o nome das plantas e instrumentos da roça em Português: laranja, machado, as facas, carrinho, picareta e todas as ferramentas. O padre Pedro me gostou⁹ e reconheceu que eu trabalho muito, por isso ele sempre me chamava para trabalhar junto com ele, mas ele precisava me ensinar a língua portuguesa, porque ele queria aprender a língua Xavante. Um dia, ele me falou “ninguém me ensinou a língua Xavante”. De fato, ele morou muito tempo e não aprendeu a língua Xavante, mas ele queria aprender a nossa língua.

Na terceira série, aprendi a matemática. O nosso Professor Rufino Xavante sabe muito matemática e ensina muito bem. Me lembro que uma vez, ele começou o enunciado da questão de matemática da seguinte maneira: “quando sair o pagamento, vai comprar um pacote de balinha ou bombom”. E aí não sabia o que era bombom, porque nunca pai comprou para mim. Sempre decorei

⁶ Até a Constituição de 1988, os indígenas que atuavam em sala de aula eram sempre chamados de monitores, em uma forma de desprestigiar a atuação destes profissionais. A partir da Constituição, abriu-se caminhos para a formação dos professores indígenas e para o reconhecimento de seu saber.

⁷ Termo popular para referência à última fase da educação infantil, antes da alfabetização.

⁸ Trata-se de um período em que a educação indígena é caracterizada pelo bilinguismo de transição.

⁹ Ainda que no português padrão, o verbo ‘gostar’ rejeita a preposição ‘de’, optou-se neste artigo por manter a forma de verbo transitivo, por ser uma marca bem característica do Português Xavante. [Nota da Orientadora].

a tabuada e para mim era muito importante na minha vida. O meu sonho era fazer a contabilidade para trabalhar no banco.

1.2. Tornando-me um '*ritéi*'wa

Eu sempre morei na aldeia São Marcos e cresci lá, participando de todas as festas, como *oi'o* (lutas dos meninos), *datsirene* (danças) e *danhô're* (cantos). Quando fiz 15 anos, meu pai pensou por mim que já estava na hora de eu passar pela cerimônia de iniciação dos meninos, porque os anciãos fizeram um programa da festa para os meninos para passar para adolescente¹⁰. Em 12 de Fevereiro de 1997, fui com meus colegas morar no *hõ*, casa dos adolescentes¹¹, fora das famílias. Na cultura dos Xavante, os adolescentes não podem aparecer na frente das mulheres e também os adolescentes não podem andar à toa sem permissão do seu padrinho. Isso é a lei dos Xavante, mas os anciãos liberaram para os adolescentes poderem estudar e não perderem o ano. Só que os anciãos não deixaram conversar para as meninas na sala de aula, então eu cumpri a ordem dos anciãos, porque é a lei da organização social do povo Xavante. A comunidade sempre fica observando os adolescentes para não conversar com as meninas - é a regra dos Xavante. Também, como adolescente só podia ajudar os pais, porque na cultura dos Xavante os filhos podem ajudar os pais, porque o trabalho é importante para sustentar da vida. Quando o meu pai me chamava para trabalhar na roça, saía mais cedo para ajudar no trabalho na roça e para ajudar capinar junto com meu pai, porque o filho pode ajudar com seus pais. Logo, depois, às 10 horas, eu voltava para a casa dos adolescentes, porque eu tenho o estudo à tarde.

No dia 1º de maio de 1997, eu participei do ritual de iniciação dos meninos. Eu diria em Xavante que participei batendo a água¹², quando os adolescentes fazem a festa da cerimônia e os adolescentes viviam na beira do rio durante um mês. Trata-se de uma obrigação passada pelos anciãos para os adolescentes. A festa dos homens¹³ é muito longa, terminou apenas em 11 de Setembro de 1997, quando me tornei '*ritéi*'wa “rapaz”.

¹⁰ Para mais informações sobre as fases da vida de um A'uwẽ Uptabi, cf. TSERENHIWARI XAVANTE (2016).

¹¹ Em geral, os antropólogos traduzem *hõ* por “casa dos homens”. Neste trabalho, optou-se por manter a tradução sugerida por Lázaro.

¹² Trata-se de uma forma icônica de se referir à festa dos homens, ou ritual de iniciação dos jovens A'uwẽ Uptabi, quando é realizada a furação de orelha, marca identitária de grande importância nessa cultura.

¹³ O termo festa é usado pelos indígenas no sentido de ritual, ou seja, momentos formais de celebração que atualizam os mitos e reforçam os valores e a estrutura social. Seguem regras rígidas e estão ligados ao sagrado e ao sobrenatural. Marcam momentos importantes ligados ao tempo individual (os ritos de passagem) ou (coletivo) estações do ano, seca e cheia, oferta de alimento pela natureza etc.

1.3. O Primeiro Encontro com o Mundo do Waradzu

Como desde de 1994, meu irmão José de Arimatéia Tserewamriwe Tserenhitomo vivia na Aldeia Água Branca no Município de Canarana-MT, onde ele se casou e como era professor da prefeitura na Escola Municipal Ensino Básica Água Branca, surgiu a oportunidade de eu ir visitá-lo. No fim do ano 18 de Dezembro de 1997, eu fui para na aldeia Água Branca. Foi a primeira vez a minha viagem, eu nunca tinha viajado antes para a cidade na minha vida. Nessa viagem, conheci Barra do Garças, Xavantina e Água Boa e quando eu viajei, fiquei bastante calado sem conversar com os *waradzu*, porque nessa época eu só falava língua Xavante.

Na Aldeia Água Branca, conheci a minha esposa quando era menina, porque ela é cunhada do meu irmão e irmã da minha cunhada, mas a mãe dela me gostou. A ideia dela foi para nós vivermos juntos do meu irmão. Então, meu irmão decidiu me levar para São Marcos para primeiro conversar com os meus pais se eles aceitaram a gente voltar para casar. Então, o meu pai aceitou que eu pudesse casar e disse que vocês mesmo têm de se cuidar quando tem problema.

Entre 1998 e 1999, fiz 4ª série em dois anos na Escola Estadual Indígena de 1ª Grau Dom Felipe Rinaldi, e estudei só na Aldeia São Marcos. Depois, em 2000, fiz 5ª série na mesma escola, onde encontrei um professor, padre, que ministrava a disciplina só em Língua Portuguesa. Os demais professores, os Xavante, trabalharam outras disciplinas e aí eu aprendi pouco sobre a interpretação do texto.

No 16 de dezembro de 2000, eu retornei para a aldeia Água Branca nas férias. Como havia prometido na minha primeira viagem para aquela aldeia em 1997, eu estava voltando justamente para reencontrar a minha esposa e cumprimos nossa promessa de nos casar, porque meus pais já haviam dado a autorização e a mãe dela também havia dado autorização para ela. Nessa época, a minha esposa já tinha 17 anos e eu, 18 anos de idade.

Na cultura do Xavante é muito complexo antes de casarmos: a mãe da minha esposa pediu o casamento da sua filha ao meu tio Jurandir, que é primo do meu pai, para acertar o casamento. Isso aconteceu assim, porque na cultura dos Xavante, o tio cuida de seu sobrinho no lugar do pai, então meu tio e a minha sogra conversaram para nós dois casarmos. No caso, foi a mãe da minha esposa que conversou com meu tio, porque a minha sogra criou as filhas sozinha, uma vez que o pai dela casou com outra mulher. Assim, casei com minha esposa, chamada Simone Ro 'odzuibe. Ela é do clã Öwawe e eu sou clã Po-redza 'õno. Na cultura Xavante, pessoas do mesmo clã não podem se casar, ou seja, só é permitido o casamento com cônjuge de outro clã.



Figura 2 Casamento com Simone Ro'odzube.

Aldeia Água Branca, 06 de Abril de 2000

Então, moramos juntos na aldeia Água Branca, na casa do meu irmão mais velho. Mesmo casado, continuei o estudo na Escola Municipal de Ensino Básico Serra Dourada e fiz 6ª série. No ano seguinte, em 2001, fiz 7ª série na mesma escola mesma, quando passei a estudar na vila. Seria melhor morar na vila, porém eu morava na aldeia. Todos os dias, o caminhão da comunidade sempre levava os estudantes para escola, com combustível mantido pela FUNAI. Eu estudava de manhã e chegava à tarde, vinha a pé por 15 km.

Nessa época, o meu irmão cuidava de mim, porque ele é o professor da aldeia e quando ele recebia o salário de professor, dividia o dinheiro para comprar o que eu precisava. Então, eu sempre trabalhava na roça, porque já estava acostumado e já tinha aprendido a plantar os alimentos tradicionais na observação do pai, e também eu pescava e caçava. Pensei que eu deveria aprender mais sobre a vida dos homens e, ao mesmo tempo sempre eu perguntava aos mais velhos como o homem Xavante cuida a sua família e como eles caçam e pescam para sustentar as suas famílias em todos dias.

1.4. De Estudante a Professor

No mesmo ano de 2002, o meu irmão José de Arimatéia Tserewamriwe Tserenhitomo trabalhava como o professor. Nessa época, o Cacique da aldeia, o Damião Paridzané, sempre levava

o meu irmão atrás do documento da Terra Indígena Marãiwatsédé, porque a terra é a origem dos Xavante, é sagrada para os nossos ancestrais. Então, enquanto meu irmão, juntamente com o cacique, participava das reuniões para a demarcação da Terra Indígena Marãiwatsédé¹⁴, eu substituí meu irmão em sala de aula.

Em 2003, o cacique Damião Paridzané e meu irmão José de Arimatéia Tserewamriwe conseguiram o documento da Terra. Para tanto, pediram um apoio para Funai para irem para a Terra que nossos ancestrais foram retirados. Nesse tempo, eu trabalhei como professor no lugar dele. Como ele deixou o seu cartão, quando saía o pagamento do professor, eu recebia o pagamento dele, por causa do trabalho.

No mesmo ano, a Secretaria da Educação de Canarana visitou os professores na aldeia. Na ocasião, me encontraram dentro da sala de aula, e me perguntaram como era meu nome, porque eu trabalhava ali e quem havia me mandado. Então, respondi “bom sou Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo, irmão do José de Arimatéia, faço o trabalho do meu irmão, porque meu irmão está muito ocupado, ele foi acompanhar o nosso cacique, porque os dois estão sempre lutando juntos pela nossa comunidade, pois precisamos retomar da nossa Terra de Origem”¹⁵. Então, me perguntaram “onde você estudou? Você já estudou na cidade?”, mas eu respondi a eles “não, só eu aprendi na aldeia, eu morava na aldeia São Marcos e estudei lá”. Então, eles me falaram “Agora entendemos, então você casou aqui na aldeia, e veio morar junto com seu irmão, só que seu irmão deu o trabalho dele para você”. Depois que eles entenderam, me falaram e prometeram assim, “neste ano você vai trabalhar no lugar do seu irmão e você vai na semana pedagógica. Como previsto no Projeto Político Pedagógico, você vai fazer a Formação Continuada dos Professores Indígenas, ou seja, o curso para os professores, para aprender como trabalhar para seus alunos na sua escola”. Desta forma, eu passei a acompanhar meus colegas professores nos cursos de formação. No fim do ano, a Secretaria de Educação me convidou em Canarana e me falou “Só que chamei você e vou dar oportunidade para você. Agora está no fim do ano e, no ano que vem, ninguém sabe como vai ficar, porque com a divisão da comunidade vai diminuir os alunos”. A Secretaria de Educação de Canarana me convidou para conversar sobre o contrato dos professores, e aí ela me levou para sala do prefeito e aí nós encontramos o prefeito no seu gabinete e aí a secretaria começou a falar para o prefeito. “Bom prefeito estamos no fim de ano e na aldeia Água Branca, alguns já estão mudando e, todos nós sabemos, eles estão lutando pela sua terra para retomar de novo, então, eu acho os alunos vão diminuir e os professores também. Só que estou apoiando aquele jovem, porque eu gostei dele, porque ele sabe dar a aula e sabe fazer o diário dos

¹⁴ A Terra Indígena Marãiwatsédé foi homologada em 14 de dezembro de 1998.

¹⁵ Trata-se de um hábito comum entre povos indígenas que professores substitutos sejam escolhidos entre os membros da própria família, que, apenas posteriormente, procuram formação profissional.

professores. Além disso, na semana pedagógica, ele era o único, a única pessoa que respondia para o professor. Enfim, nós gostamos que ele participou bastante na semana pedagógica”. Então, o prefeito respondeu “ele é professor atual?”, mas a secretária respondeu “Não, ele está substituindo seu irmão, porque o irmão dele está acompanhando a sua comunidade na luta pela terra, mas esse é o irmão dele, e deu seu trabalho e esse não é professor, por isso eu trouxe para cá, para ano que vem pode assumir direto no lugar do seu irmão”. Então, o prefeito falou “agora eu entendo, não há problema, vou dar contrato para ele ser professor do ano que vem”.

Meu irmão trabalhava no ensino fundamental multisseriado. Eram 87 alunos, entre as turmas da manhã e da tarde. No dia 29 de dezembro de 2003, a Secretaria da Educação me indicou como professor. Nessa reunião, os membros da comunidade se reuniram para escolher quem são os professores do ano seguinte, porque alguns da nossa comunidade já tinham ido para retomar da nossa Terra. Assim, alguns os alunos vão para lá, para a nova escola e os demais ainda vão estudar em Água Branca. Então, a comunidade escolheu os professores que vão pra lá e os que ficariam. Fiquei muito contente que os alunos me indicaram primeiro, porque os alunos disseram assim “Tem o professor que trabalhou no lugar do seu irmão. Ele é bom e tem muita paciência, além de saber dar aula. Aprendemos e achamos melhor professor do que outro”. Por isso a comunidade e os alunos me aceitaram para ser professor.”

No 2004, o meu irmão mudou na T.I Marãiwatsédé, eu fiquei sozinho na aldeia Água Branca. Moramos sozinhos, eu e a minha esposa, dentro da casa, porque as nossas famílias mudaram para a terra recém demarcada, portanto, ficamos sozinhos. Assim, em 2004, eu passei a ser o professor de verdade! Trabalhei durante um ano como professor e sempre participava a Formação dos Professores, como previsto no Projeto Político Pedagógico, para aumentar a minha experiência para trabalhar com meus alunos e, no mesmo ano, concluí 8ª série no dia 12 de dezembro.

Em 2005, ainda estava continuando como professor, quando saiu o curso do Magistério para Formação dos Professores Indígenas, chamado de “Projeto Hayô”. Comecei, em Julho de 2005, o curso de férias junto com meus colegas dos povos Xavante, Tapirapé e Karajá. O curso durou 5 anos. Nesse tempo, fiz o ensino médio no ensino regular e, nas férias, o curso de Magistério.

Em 2007, concluí o Ensino Médio do 3º Ano na Escola Estadual de 31 março, mas o curso do projeto Hayô ainda não havia terminado e sempre nas férias continuava o estudo no curso do Magistério. O curso me aperfeiçoou para trabalhar com os meus alunos.

Em 2009, quando meu pai faleceu, mudei para Marãiwatsédé, para morar junto com meu irmão de novo. Naquele ano, fiquei um ano sem serviço, porque mudei para Marãiwatsédé depois do início das aulas.

Em 2010, o Diretor da escola me convocou para trabalhar como o professor, porque já tinha experiência e estava no último ano para concluir o Magistério. No dia 05 de Janeiro de 2010, a

comunidade se reuniu para indicar os professores e alguns não me gostaram, porque eu cheguei por último na comunidade. Mas o diretor falou para a comunidade “Eu, particularmente, aceito. Ele vai trabalhar, porque ele está garantido com professor habilitado, já tem experiência e tem qualidade de aprendizagem do seu conhecimento. Já concluiu o ensino fundamental, o ensino médio completo e em dezembro vai concluir o curso do Magistério”. Por isso a comunidade aceitou para eu poder trabalhar. No mesmo ano, em 2010, concluí o curso do Magistério. Foi desta forma que me tornei professor de Matemática em Marãiwatsédé.

Em Outubro de 2011, logo após o nascimento de meu filho, Evaristo Teméi 'wa, realizei a inscrição para o vestibular da UNEMAT. Naquela noite, sonhei que “um homem branco entrou na sala onde a minha esposa estava internada, e me chamou para acordar, que também ele falou assim a sua esposa vai melhorar, não tenha medo, é melhor você ir para aldeia pode fazer o vestibular, agora vou ficar com você. Agora você vai passar e pode continuar o seu estudo, por isso pode ir para a sua aldeia”. Então, quando fui para a aldeia, sonhei novamente “Acorda! você veio para fazer a inscrição do vestibular!”. Então, joguei com força a minha perna e eu acordei direto, levantei e olhando não tinha ninguém dentro da minha casa. Abri a porta, fui tomar banho e fui direto para escola para fazer a inscrição do vestibular. Então, ele me deixou ir à cidade e fui direto para a cidade. Enviei um SEDEX para a inscrição chegar a tempo, e, ao sair do Correio, vi um pássaro *pi'ã* gritando alegre, então eu soube que naquele ano, ingressaria na universidade. Fui a única pessoa que passou dentro da aldeia!

Em 2012, continuei o estudo no curso de férias e comecei o curso de Licenciatura em Pedagogia na UNEMAT. Não consegui no meu sonho de realidade que era estudar Matemática, por isso fiz o curso de Pedagogia. Como eu gostava muito de matemática, meu sonho era Contabilidade. Mas não deu certo na minha realidade, por isso a minha ideia foi parar com a matemática.

1.5. Na pedagogia, o encontro com a etnomatemática

Em junho de 2005, no encontro de Professores da Terra Indígena Pimentel Barbosa, conheci o professor Adailton Alves da Silva. Nas aulas dele, sempre perguntava bastante, fazia as atividades e terminava antes dos meus amigos. Posteriormente, no II Encontro de Professores em Canarana, a esposa de Adailton, Lusimar Luisa Ferreira me deu aula de língua portuguesa. Ele a acompanhava na língua portuguesa, porque eu tenho interesse para aprender o estudo. As duas disciplinas são muito importantes para mim: a língua portuguesa e a matemática.



Figura 3 Lázaro e Prof. Adailton e os Professores Xavantes, no II Encontro de Professores em Canarana, 2008

À noite, nós conversávamos bastante. Conversávamos sobre como é a história do número dos Xavante, como antigamente os anciãos contavam. Nas aulas do Adailton, também sempre fazia uma comparação entre a matemática waradzu e a matemática A'uwẽ Uptabi.

No dia seguinte eu perguntei sobre o nome dele, porque ele ganhou o nome mais bonito na língua xavante. Então, ele me falou sobre o seu nome e foi o finado Sibupá que sonhou e me deu o nome de Wmariré. Segundo o ancião Sibupá esse nome tem o significado de “Uma Cruz Solitária”, e é um nome próprio do clã Po'reza'õnõ¹⁶. Além disso, também conversamos sobre Matemática.

A matemática do waradzu era ensinada para os professores de forma crítica e reflexiva. Ou seja, sempre que era explorado um conceito da matemática do waradzu, também era proporcionando aos professores a oportunidade de trazer para a discussão a matemática do povo xavante. Trata-se de uma perspectiva de mostrar que cada grupo cultural tem a sua matemática. E que cada conceito matemático tem seu merecido respeito e importância para a cultura do seu povo. De maneira geral sempre era trabalho de forma a mostrar que existem as matemáticas e não somente uma única matemática (SILVA, 2005)

Depois, quando ingressei na Pedagogia na UNEMAT, levei os conhecimentos que tinha de matemática e, por isso, fui o melhor aluno da turma. Em 2016, concluí o meu estudo e, junto com a minha comunidade, ficamos muito alegres, porque sou o único pedagogo da aldeia. Em 2017, o prefeito de Bom Jesus do Araguaia-MT, chegou na aldeia e me indicou para trabalhar na Educação Infantil na Escola Municipal Manuel Augusto Tóhõiwede. Aceitei o convite, porque na escola municipal não tinha os profissionais para trabalhar.

¹⁶ Em Xavante, há conjuntos de nomes próprios associados a cada clã. Dessa forma, ao dizer o nome próprio, já se sabe a qual clã pertence.

Em 2021, ingressei no Mestrado da UFG para Linguística. Naquele momento, eu pensei de parar a aulas de matemática, apesar de gostar dessa disciplina. Infelizmente, eu não cheguei do meu sonho e sempre perder que a matéria eu gosto, fiz o curso de Pedagogia e depois estou cursando na linguística¹⁷.

Então, hoje sou professor na minha escola estadual e fui ministrar na aula de matemática as crianças com 6 anos de idades, e eu ensinei nas duas línguas e na língua xavante e na língua portuguesa.

17 Trata-se de um desafio para o desenvolvimento das escolas indígenas, o fato de estudantes indígenas serem excluídos das formações em ciências exatas e biológicas. [Nota da orientadora]

2. LÁZARO TSERENHEMEWĒ TSERENHITOMO HÖIMANA WATSU'U

Wahã Lázaro Tserenhemewê Tserenhitomõ wa podó daró Etenhõpré ãma döbö 31 de Tãpini'rata ãma duré wahú 1982 na duré 'ri'ahö wa'õnõ Tsibapa-MT. Duré imama nori nhitsi hã, Cláudio Tserewabdzumza Tserenhitomo duré ina Vera Lúcia Pedzaihö Wa'õmõhö.

Daró Etenhõpré 'ri nhãridzé hã, bödü 25 de Abril de 1957 na duré imama ma weiwi ti'a i'amõi hawi wahu 1966 na daró Etenhõpré'u, ti'a Matrãiwatsété hawi bödü 15 Rob'ro'o ãma duré wahú 1966 na duré imama ti'utsu 'remhã (Aihö'ubuni) wapté Tsadaró mahã, e mari'wa ihi nori mate tsiwiti tsiimi wadzéwa duré höimana préduwa.



Figura 4 Suiá Missú dia 15 de Agosto de 1966

Wahu 1970 nahã, te ihö'a nori mate rotsa'rata dza'ra, A'uwe mrémé potoda duré timreme te te tsihötö dza'ra monoda romnhõré dzéb'remhã. Wahu tsi'utõri parimhã 1957 na mate datsina i'ubumrõ watobro daró mono bö duré ti'a iwa'õtõ mono bö mitsi haré datsitsadze höimana da A'uwê mrémé nhihödö hã, imori'rada te tihõiba Sangradouro'u tawamhã mate aihutu damrémé na romnhõré'wa nori duré ihö'a nori duré a'uwe nori, tawamhã ti'ai wa'õtõ hawimhã daró ihöimana dza'ra hã, Sangradouro, Marachel Rondon, São Marcos, Jan Preto duré Ubawawe ãnori hã, ihöimana dza'ra datsina i'ubumrõ itsa'ëtê'uhã duré waradzu mate aihutu damé daró mono bö São Marcos'uhã padre Batolomeu Gigaria duré Sangradouro Mestre Adalberto Heide duré Jan Preto duré Ubawawê Dona Joana D'Arc Bardella

duré damrémé na romnhõré'wa Alexandre Brasília hawimhã duré mitsi Cuiabá hawimhã duré ti'aiwa'õtõ Pimentel Barbosa hawimhã mãiwitsi õdi. Oto datsirõ'õnõ höimana dzahu wamhã mitsi matewi itsitsi hã, Luciano Tsehõbö duré João Batista, Almir duré Alexandre T.I Jan Preto duré Ubawawe Pedro duré Paulo T.I Marachel Rondon duré Rafael Ritsé, Lucas Ruri'õ duré Domingos T.I Sangradouro duré Cláudio Tserenhitomõ duré Raimundo Urébété duré Boaventura Tserewa'wa ãnori São Marcos tehã.

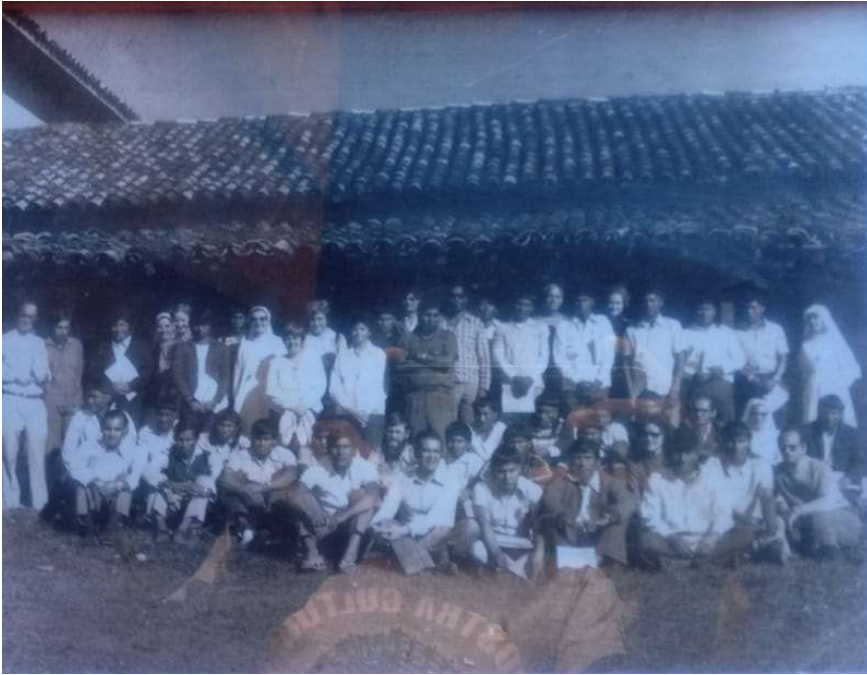


Figura 5 Unificação da Gráfia da Língua Xavante, São Marcos, 28 de junho a 03 de julho de 1975

Ãné imama nhitsi hã, Cláudio Tserenhitomo Tserewabdzumda duré imama hã, durei hã te damé tihõiba damrémé nhihõtõna tawamhã itsiré nori Mestre Adalberto Heide duré Raimundo Urébété duré Rafael Ritsé duré Lucas Ruri'õ ãnori mé mate ãma na'rata dza'ra A'uwẽ mrémé nhihõtõna.

Oto A'uwẽ madõ'õwa SPI tsitsamri wamhã oto Funai na höimana wamhã, mate dapawa'õbõdzé mate tsõmri dza'ra wahu 1980 ãma. Tõtaha wahum nahã, imama rowẽ te tsõpete õdi, i'rada mate tsépu taha'wa duré itsa'u mate aihutu Funai 'ri'u i'ratamé höimanané Gioania'u, tawamhã ihõ'a nõri te ané tsiwi wapte mitsi tsõ höimánada, tadza hã, Funai te tsiwi tsaréi õdi bödõ 'rutuwa duré bötõ nhitsiwi taha'wa, ãné'wa imama mate tsimini dapawa'õbõdzé hã Funai hawimhã.

Tawamhã, imama witsimhã apõ 'ri'u pawa'õbö õdi, tahawi te're höimana niwa te manhõpete õdi dapawa'õbõdzé, taha'wa ite hã, robdzé patatsi wa nõri i'ra nori. Taha'wa te roti te wama 'manhãri

dza'ra wate dawadzéb dza'ra mono da dahöiba i'amoï 'uhã duré tsa'ëtê wate romnhôré dza'ra mono da nimomo watsihutuda wê ôdi itsiné dahã. Ôhõ te tinha: “Romnhôré dza'ra abaré mono réhã wahã wadza te're romhuri tsa'ëtê atsadzé aba dahã, buruna duré abana duré tepe mrãmina atsadzé abada”. Tawamhã wahã iprédu wamhã te natsi ima tsitsanhõ aibõ höimana dzémna te waihu'uda danhõ're duré datsirene duré romhurina. Oto imrõtõ (5 anos) wahã te manhãri wamhã buru'u imama wa natsi tsaprõ duri petse duré itsa wa natsi wapé te natsi romhu'wa mararé hawi höiwahõ'u tedza 'rãtsutu. Imama ma waihu'u petsedi rob're dahã, datsa nõri're dahã, duré tsiwaru tedza rob're tsi'a tarēmẽ wamhã wahu wabda tedza ubumrõ itsa'u wabda i'reda. Imama buru te ahiri dahã, tedza tsôrini ti'a iwe dzô, duré tsôriti wa nahã, ihi tedza madza danhã, duréi ihi nõri mahã waihu'u petsewa romnhã mahã i're dzé hã. E mari'wa ihi ma waihu'u petsedi 'ró hã, duré ti'a rob're dahã.



Figura 6: imõri'rada buruna romhuri imama nhimi romhuri

Aldeia Tsiba'adzatsi



Figura 7 Imõri'rada Buruna Romhuri Imama Nhimi Romhuri, Aldeia Tsiba'adzatsi



Figura 8 Amnhõ ubumrõ tí'ra tsadzéba



Figura 9 Udzôné



Figura 10 Tepe Mrāmi Datsai Wadzaribdžéda



Figura 11 Tepe dzebre



Figura 12 Abadzenhi Datsai Wadzaribdžéda



Figura 13 Abadzenhi dzebre

Wahú 1989 nahã, wa manhã (7) wawinhi'ubdatõ i'ãma iwahú taha'wa imama te ima roti te damé romhõréda. Õhõ te tinhã “damé romhõré wamhã tsa'ëtê tedza iromhõré duré i'uptabina”. Tané nhêrê i'udza babadi romhõré'u dahã duré marĩ mono romhõré'u dahã, taha'wa imama tinhimi romhuri buru hawimhã te natsi ãma adzaprĩ ihõ'a nõri wi ãnõri upa duré udzõné tawamhã iwarãmi dzadzahõ wa'õnõ tedza tãma tsõmrini taha parimhã ina tedza manhã da'udzadõ duré da'udza niwa imama 'ri'ahõ'u te mai'õri õdi da'udza hã. Duré wahã tsuruna wa waihu'u waradzu mrémé nhõré duré mari nhitsi. Niwa te romhõré õdi 'ri'ahõ uhã, ite romhõré'wa nõri a'uwê tsi damrémé'rata nahã (Monitores) romhõré'wa.

Duré romhõré na te inã'ratadzé A'uté(Prézinho) ãma romhõré iwa'õtõ mori'rata ãma duré wa tsõpêtê damã romhõré'wa itsimi ahõridze ni'wa romhõréna te upa wamhã tedza 'rãta'a duré a'utéma romhõré'wa nõri (Predrinho, Cosme duré Raimundo Urébété) ãnori romhõré'wa itsimi'êtsi duré itsimi parinhimi'ê wa anhõpêtê duré wahú maparané (2) wa romhõré e mari'wa duréi romhõré wahú maparané pariptsi ni'wa tedza tsaprĩ iwa'õtõ amõi uhã duré wa manhõpêtê damã romhõré'wa itsimi rotitede tinhimi ubumrõ dahã, duré rowaihu'uda itsimi wapé dza'ênê ni'wa te tsõré waihu'u õwamhã tedza 'rãta'a duré ni'wa tsiminhihõtõ waihu'u õwamhã tedza tsimi wahipréé duré ni'wa romhuri te uprótsi õwamhã 'ridawa tedza tiwi tsitó te uprotsida. “Duré imrémé ni'wa te uprótsi õwamhã tedza nhãmrã dadza'u romhõrédzéb're. Duré ni'wa te uprótsi wamhã tedza mo dawana”. Duré itsimi roti ni'wa titsiré te watsutu wamhã tedza titsã 'ri na'rataniwi te romadõ'õda damã romhõré'wai mrémé duré ni'wa tsi'ruiwa parida, taha'wa imama te natsi imã róti dza'ëtê irétsi'ãnã natsi ihõïmanada romhõrédzéb'remhã. Duré romhõrédzé Dom Fellipo Rinaldi 'remhã duréi hã, a'uwê nõri te natsi romhõré dza'ra itsapó hawi maparané tsi'uiwana'uhã (4^a série), oto hõïmo hã, imrõtõ wa'õtõ hõïmo hã (5^a série) ihõ'a nõri (Padres) i'rãdzahu wa'õtõ'uhã (8^a série) duréi hã hõïmo romhõré'wa babadi (Ensino Médio).

Padre Pedro a'uwẽ nhõpete'wa duré 'rinhãri'wa daró Etenhõpré wahú 1957 ãma duré õhõ mate ihõ'a a'ãwitsi Etenhõpré'u. Tawamhã padre nori te uburé marinã tsitsanhõ a'uwẽ nõri ma waradzu te na waradzu mrémé na a'uwẽ te waihu'u dza'rada duré danhimidzadze na duré itsa'ratana. Duré padre Pedro mate pótó burure rob're dahã ihõ'a tsadzébdá, tadza hã, padre Pedro tsiwaprótsi te natsi romhuri õdi watébrémi te natsi tsiwi pawaptó duré padre Pedro te mari awaihu'u watébrémi ma uburé mari nhitsi waradzu mrémé na duré rom'rã nõri nhitsi nõri. Oto (12) wahú mitsitó maparané te manhãri wamhã niwam nahã wamo te romhuri damé padre Pedro'u, tadza hã, ipahiti waradzu mréména te itsadanhãri imã waihu'u õwa duré ni'wa te te romhuri dawamhã tedza tsadanhã itsiptete dzô duré imé iromhuridzé mitsitó dahõiba hã (10 pessoas). Niwam nahã, mate iti imé te romhurida duré itsiré nõri mate apitsutu ite mono bö niwam nori hõtõra'rãpónada duré popanõnéna dahã.

Imé imõri'rada te iromhuri ãma hã, mate imã a'rã te romhuri petsewa, e mari'wa watõ natsi romhu imama mé buru'uhã, taha'wa mate imadõ'õwẽ te iromhuri petse nahã, tawamhã padre Pedro mate imã wa'õ romhuri i'u'ëtédzeire na duré upadzu duré wede'rã'udzé duré pe'are uburé watébrémi taha pari tedza watsa 'ri'u. 'Ri'u iwitsi wamhã imama te idzadanhã te damé iromhuri dzô duré te ima tinhã te natsi romhurida datsa wadzaridzébdá 'ri'rebda duré padre Pedro mate iwaihu'u te romhuri petsewa taha'wa, õné haré tedza iti imé te romhurida duré te natsi imã atsanhõ waradzu mrémé na duré wahã wa natsi ãma tãma atsanhõ a'uwẽ mréména te te waihu'uda ni'wa natsi ãma tãma tsitsanhõ'õwa duréi 're hõimana mono nhẽrẽ damé.

Wa manhã romhõré tsi'ubdatõ wa'õnõ (3ª série) tamé wa waihu'u ãma imrõ na romhõré. Ite romhõré'wa Rufino Tomoptse Duprémo Xavante te iwaihu'u petse uptabi ãma imrõna romhõré duré itsimi romhõré iwẽ. Taha'wa, wa ãma 're ipo'repu'u ãma imrõna romhõréna duré niwam nahã, mate rotsa'rata dapawa'õ iwatóbrõ ãma itsimi ubumrõ watsi wapé dza'rada ãma imrõ ni'wa te iwaihu'u petse dzô robdzeire dzô duré i'u'ëtédzeire. Ni'wa da'ãma tsi'uté wamhã tedza dawí ti'õ robdze duré niwamhã i'u'ëtédzeire. Niwam nahã wa dawí ti'õ tawamhã 'ri'u wa ãwitsi imama nõri ma e mari'wa tsa'ëté wa itsima romhõré dawí iwatóbrõda. ãné wa datsi wapé dahã, mitsi tedza ai'utõ datsima iromhõré dahã, taha'wa imama nõri wi wa waptẽ iré tsi'ãna natsi ihõimanada romhõré ma tsada. Taha'wa, imama te ima tinhã tané wamhã tedza we i'ãwi mari dawí õri wamhã, oto datsi wapé hõimana wamhã wa dawí watóbrõ tawamhã te dawí i'õri 'ri'u wati'õ imama nõri ma te madõ'õ dzahuréda. Tõtsena imama te tsadanhã imã romhõré'wa, tawamhã ima romhõré'wa te iwatsu'u imama ihe ai'ra wedi ãma imrõ nahã duré te waihu'u petsedi. Taha'wa, wa tãma hepãri te iwaihu'u nahã ãma imrõ. Até inhimi rotsawẽrẽ wedehõpõ'u romhuri'wada (Banco).

Wa're ihõimana daró Etenhõpré ãma tamé wa iprédu tamé wa're itó a'uwẽ tóna oi'o duré datsirene duré danhõ'rena.

Oto iprédu wamhã i'ãma iwahu mitsitó imrõtõ (15) te manhãri wamhã imama te oto rotsa'rata damé itsi waptébda ihi nõri te rob'uptsãtã dza'ra wa darõ höïmanada wahú 1997 ãma wa itsi wapté b'dõ 12 a'amo pararané (Fevereiro) ãma wahú (1997), tawamhã wa damé 're ihöïmana Hö ãma itsiré nõri mé, wa tsamã i'ru dzahi a'uwe tehã, e mari'wa wapté tsihöïré õdi pi'õ nhõ'ahã ihi nõri mate tsiwi ti'ru romhõré waptém nõri wahú te tsiwi tsiimi dza'ra tõda duré te tsiwi tsawi pi'õïma robdzanhãmri tõda duré tãma we õdi, mari'wa wapté aihini hawi imadõ'õwa, itsawi pi'õïma te robdzanhãmri dahã. Duré wapté ma i'ru timama tsiréda duré imé te iromhuri dahã, buru'u wamhã titsa dzébdã. Niwa bõtõna imama idzöhörõ wamhã buru'uda wadza mo imé duréi petse ãma itsiméda rowadzörina tadza hã, mitsitó bõtõ'u (10 horas) wadza romhu taha parimhã apõ wadzawi höba waptuna itsada duré romhõré'uda.

Bödõ imori'rada ãma (Dia 1º de Maio de 1997) Itsi'rãrã dzém ãma a'amo ãma wa damé aiwaté a'uwe aibõ tóna date ipo'repodzapu'uda wapté titó te're imanhãri dza'ra mono hã, a'amo mitsi tedza tsina uprótsi õ höïmana're hã, i'ru dzahi a'uwe höïmanadzé hã, tedza tsamã duré dató höïmana 'ré hã, romhõré tedza madzadõ duré tedza tsamã duré ropetse iwa'õnõ ihöïba amõ dzõ Herói'wa dzõ. Aibõ tó hã, ipa uptabi wa 'rãtsutu dató (Dia 11 de Setembro de 1997) a'amo dutsu dzém ãma taha parimhã wa oto itsi 'Ritéi'wa a'uwe höïmana hã, ãné wate adza're A' uwe höïmanadzé hã.

Duré wahú (1994) ãma mate itsi tsãnãwã José de Arimatéia Tserewamriwe Tserenhitomo mate tsinã tipahõ daró amõï'u duré tamé te're höïmana daró Örä ãma 'ri'ahõ wa'õnõ (Canarana-MT), tamé mate timrõ duré te damã romhõré romhõrédzé (Escola Municipal Ensino Básico Água Branca) ãma niwam nahã watsabu. Bödõ (18) ãma wahum'rãtsutu ãma wahu (1997) ãma wawi daró Örä'u wa tama ti'õ romhõré watsu'udzé idub'rata ma duré niwaimé iwara õdi. Imõri'rata uptabi wa wara, niwa iwara'õ 'ri'ahõ 'uhã. Imã tsare hã, Tsibapa tsi, tawamhã iwara wamhã ari'iwu wa wara waradzu wi, taha wahum nahã, a'uwe mrémé natsi imrémé. Tawamhã wawi i're tsitó nhimidzahõri dzéb'u darób'ratamhã Örä 'rata hã. Tamé imrõ wa waihu'u duré watsa'retse dzahadu tsapóre're duré itsidana. Tawamhã idub'rada te rotsa'rata apõ te te imaprabada Êtënhõ'repré'u wamama nõri ma wate robdzanhãmrida tãma iwe dzõ taha waptsi ãma imrõda. Tawamhã wamama te wama tinhã mari õdi ãma imrõda duré watsiré're wa höïmana mono da.

Wahú 1998 duré 1999 'remhã, dzahadu wa manhã (4ª série) wahú maparané 'remhã romhõrédzé (Escola Estadual Indígena de 1ª Grau Dom Fellipo Rinaldi), ãma 'ri're wa romhõré. Duré wahú (2000) ãma hã, wa manhã (5ª série) tõ õhõ romhõrédzéb're duré tamé wa tsõpete ihõ'a damã romhõré'wa itsimi romhõré hã, waradzu mrémé na Ângelo Cesarino. Oto itsiré nõri a'uwe tsi duré tamé wa waihu'u itsihõtõ 'manhãri hã, waradzu mrémé nahã.

Bödõ (16 anos) wahum 'rãtsutu'uhã, wahú (2000) nahã, apõ wawi daró Örä 'uhã, dawa'utudzém ãma. Duré imõri'rada te tsitsõpëtë ãma wa'wa tsimã ropitsutuni wahú (1997) ãma duré

imrõ nhitsi hã Simone Ro'odzube, õné haré wa itsima ti'õ imama matô imã nhãripa taha'wa. Wahú (2000) ãma hã imrõ matô tiprédu ãma iwahú (17) na duré wahã (18) ãma. Wa höïmanadzé hã, iwa'rudu damrõ dahã, imõri'rada imrõna duré imama'amo tedza tsadhanã Jurandir mari'wa te imadõ mono wa, tawamhã te wahui'u mari õdi ãma imrõda, e mari'wa A'uwẽ höïmanadzéb'remhã, damama amo tedza damadõ'õ, taha'wa imama amo duré imapre'wa pi'õ duré imrõ mama amo Arnaldo mé hã, mate tsima rowairébé wẽ dza'ra. Imrõ mama Augustinho tsô dahörö õdi damé höïmana dahã, e mari'wa te te aprédub'õwa duré imrõna te te rêmëwa, tsiwa prótsi ti'ra te te apréduwa, taha'wa imapréwa aibõ nahã, ãma dapo'repu'u õdi, ãne mate rowairébé ti'rãtsutu wa höïba nahã duré imrõ höïba nahã, tawamhã wa oto watsina wamrõni.

Wa imrõ duré imrõ nhitsi hã, Simone Ro'odzube. Öhõ öwawe duré Po'redza'õnõ. A'uwe höïmanadzéb'remhã datsina damrõdzé hã, tsiré aba tsi'uuiwana datsinna damrõdzé duré te rui'õdi apõ danhiniwim na datsina damrõ dahã.



Figura 14 Casamento com Simone Ro'odzube

Oto imrõna ãma imrõ wamhã imé wa're ihöïamana daró Örä ãma idub'rata nhörö wa're oto 'ri're imé. Duré tawamhã wa ãma udzutsi romhõréna Romhõródé waradzu te ãma damé 'ri'ahö wa'õtõ

ãma (Serra Dourada) wa 'manhã (6ª série). Duré wahú tsi'utõri parimhã tô õmé wa'manhã (7ª série) tô õhõ ãma romhõródzéb're duré tô te damé iromhõródzé hã, 'ri'ahõ wa'õtõ're 'ri hawi wa natsi damé atsamrõ robduri 'rãihõna i'ahõ tena duré robduridzé romhõré dahã, ihõimana (FUNAI) hawi duré niwamhã (PREFEITO) hawi ãne te tsipa waptó dzahuré e mari'wa (Prefeito) te te 'manhõmri õdi da'ubumrõdzé hã, romhõré'wa nori dahã, duré 'ri'ahõ wa'õtõ nhitsi hã (Serra Dourada) duré bõdõdi 'rata ihõimana (BR-158) 'rata 'ri tsurure. Robduri'rãihõ õné'u'õ te te wa awapé romhõré'uhã. Duré mararé wa romhõré apõ wadza wi hõiwahõ 'ri'uhã iparana, e mari'wa robduri tedza wara 'ri'ahõ'u taha'wa niwamhã bõdõ tedza tsimini (Água Boa) duré (Canarana). Taha'wa, romhõré'wa wadza ai'abaréni wadzana 'ri'u e mari'wa rõwiwa 'ri'uhã (15 km). Wahum'rãtsutu wamhã wa wara imama te tsabuda dawa'utudzém ãma daró Êtênhõ'repré'u, tawamhã imama te imã robdzanhã 'ri'ahõ'u te inhãrida te romhõréda. Duré tô taha wahum nahã, imama dzari iré hã (2001). Wahú (2002) ãma wa romhõré Tsibapa ãma e mari'wa imama nhimi rotsa'rada duré tãma iwe dzarina. Tawamhã wa 'manhã (EJA) romhõródzé (Escola Estadual Fellito Mülher) ãma wahu (2002) ãma, tawamhã wa anhõpõtê istiré nõri duré mitsi imama'amo Clarêncio U'repariwe duré itsitsãnwã tsiwadi nori Nicolino Tsiprü duré João Batista Tserewe watsiré wa romhõré dza'rani tsimitsu 'ri're wa'õtõ're.

Wahú (2002) na, apõ wawi daró Örä'u, idub'rata'u duré imrõ'u. Tawamhã wahum'rãtsutu hã, te romhõré õdi, taré wahú watsimini. Taha 'remhã, idub'rada te imadõ õhõ dama romhõré'wa darób'remhã taha'wa, tipawa'õ te õrimhã tedza imã ti'a. Duré buru natsi wa natsi romhu duré ti'a imã madõ'õ waihu'u petsewa rob're dahã, e mari'wa imama mé wa waihu'u rob're hã, duré tepe dzõ wa natsiné natsi ãma itsai'wadzarida uburé mari wa awaihu'u imama madõ'õ dzarina duré wa damé're itó a'uwẽ tóna uburé mari wate 're amanhãri a'uwẽ hõimanadzé hã. Tô õhõ wahum nahã (2002), idub'rada damã romhõré'wa darób'remhã. Duré roti'wa Damião Paridzané te rowapé ti'ana, tawamhã idub'rada José de Arimatéia te natsi imé atsamrõ 'ri'ahõ Ti'a Marãiwatsété dzarina. E mari'wa õhõ ti'a hã, duréi hã wahi'rata nõri tehã, duré madzatóni a'amo (Julho) wahú (1998) damama hõimanané (Fernando Henrique Cardoso) mate tinhitsi titsã ti'a Marãiwatsété na, taha'wa, wahã wa ihõiamana idub'rata warãmi. ãne wa ãma na'rata damã romhõré na.

Wahú (2003), roti'wa Damião Paridzané duré idub'rada José de Arimatéia Tserewamriwe ti'ana romrémé ma'uiwamrãmi dzahuré taha'wa Funai'u te waptẽrẽ dzahuré e niha tedza ãma anã, taha parimhã te oto tsitsa're imõri'rada wahi'rata nhipti'ai'u duréi hawi date itsani dza'ra dzéb'u hã, duré tô taha wahum nahã, idub'rada damã romhõré'wa, taha'wa te imã waihu'u iwarãmi te romhurida e mari'wa wadza damé mo i'ahõ nõri wadza te apibu. Tawamhã, wa romhu iwarãmi duré (ibahõtede mate imã tiré = cartão do banco) niwamhã itsa'u dapawa'õ watóbró wamhã te itsimã wadzereda te iromhuri'wa'õ.



Figura 15 Lázaro ministrando a Aula na Escola de Mrãiwatsédé



Figura 16 A'uté te romhõré

Tô õhõ wahum nahã, niwa mate aihutu romhõré madõ'õ wanõri 'ri tẽmẽ duré tamé imori'rada mate tsiwi inhõpõtẽ te damã romhõrére te i'ãma anhãri dza'ra duré tsiwi idzadanhã “ wahã Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo” idub'rata wa'rãmi wa romhu José de Arimateia wa'rãmi, e mari'wa idub'rada tsiwa'rutudi tawamhã wa tãma watsu'u idub'rada roti'waimé te tihõiba duré i'ahomé apõ wahi'rata nhipti'a wadza wa tsiwi õrini. Tawamhã, te duré anhã e romhõré'wa tedza wairé. Watsa

da'öbö ihe. Duré a'uwê tedza tsima aipó'ó tané nhêrê âhã wahú nahã uburé tedza romhõré dza'ra duré te idzadanhã, e'ri'ahö'u te iromhõré wa tsada'ö maredi, 'ri âma wa rowaihu'u duré Êtênhõpré âma wa romhõré, taha'wa te imã tinhã wêdi duré âmé mate aimrõ duré atsitsânãwãï mé te're aihõimana mono e taré romhuri te natsi aima ti'ru tsiwa'rãmi. Awa'awi hã, watô waihu'u âne wadza aima tinhã wauptém nahã, õne haré dapawa'ö tedza aima tihõiba adub'rata wa'rãmi duré tedza damé aihõiba datsi'rõtõ'u hã. E niha tawamhã romhõré datsi'rãiwaihu danhimi ubumrõda duré romhõré damã romhõré'wa tehã, a'uwê matsi hã, romhõré'wanõri ma dahã. Tawamhã wa ihõimana itsiré nori mé. Oto wahum'rãtsutu'u hã, romhõré madö'öwa hã te idzöhö iwitsida (Canarana) 'u, tawamhã iwitsimhã itêmê te ima tinhã wadza aima titsõ wauptém nahã, ahã damã romhõré'wa uptabi dza, e mari'wa a'uwê tedza tsima aipó'ó tawamhã tsuredi dza romhõré'wa hã. Taha'wa, mate imã dzé tsi'uihõna 'ri'ahö madö'öwai'u hã, taha'wa te tãma rowatsu'u watõwi Örä'u tadza ni'wam nori matô wairé wama waihu'u petsedi te iró wapé dza'ra nahã, ti'a nahã, tawamhã romhõré'wa ma aré duré damã romhõré'wa. Taha'wa âhã ihõibaté ma inhiptede wa mahã te romhurida e mari'wa tãma waihu'u petsedi romhuri damã romhõré nahã. Taha'wa 'ri'ahö madö'öwa te anhã, e damã romhõré'wa maredi dawa'rãmi te romhu tidub'rata warãmi idub'rada te rowapé ti'ana damé, taha'wa, wawe âwitsi tawamhã, 'ri'ahö madö'öwa te tinhã watô waihu'u wêdi wadza tãma manhã dapawa'öbödézé hã.

Idub'rada te romhu (4ª série) ma duré ite romhõré i'ahö. Itsimi ubumrõ 'rã hã 87 na duré itsimi romhuridzé hã, mararé duré hõiwahö (43) na ihõiba.

Bödö 29 wahum'rãtsutu'u hã, (2003) nahã, romhõré'wa madö'öwa mate wi 'ri'u datsi'rã'õnõ te manhãrida damã romhõré'wa ité date waibu dahã, e mari'wa duré e'wam nõri tedza âma udzutsi dza'ra, duré e'wam nõri tedza wairé. ãne'wa niwam nõri romhõré'wa tedza wairé oto itsi atarêmê hã, tedza romhõré dza'ra Örä're âmé. Taha'wa i'ahö nõri te dati dza'ra duré romhõré'wa nõri mate tsiwi iti imõri'rada mate tsiwi iwaihu'u idub'rata warãmi te iromhurina taha'wa, ma tsiwi itsã te iromhõre wena taha'wa, ma tsiwi i'ö damã romhõré'wada. Wadza romhu (4ª série) ma duré mate aré romhõré'wa hã, (58) na oto ihõiba.

Wahú (2004) nahã, idub'rada ma watóbró ti'a Marãiwatsété'uhã, taha'wa oto itsa'u hã, itsi waprótsi wa oto ihõiba daró Örä 'remhã.

Duré wahú (2004) nahã, oto wahã damã romhõré'wa uptabi. Wahu mitsi're te damã romhõré wamhã wa ihõimana datsi'rã'õtõ'uhã, damã rowaihu'u wate'uhã, te âma waptóbda rowaihu'una duré tõtaha wahum na wa'rãtsutu (8ª série) bödü 12 duré a'amo Dezembro âma, duré wahú (2005) nahã, wadamé âma udzutsi romhõré (Curso Magistério Projeto Haiyô) damã rowaihu'u wate hã, a'uwê te âma (Haiyô) Paresi mrémé nahã rowaihu damã romhõré'waima. Mati na'rata a'amo wa'wa (2005) a'uwê nõri xavante duré Tapirapé duré Karajã. Romhõré ihõimana hã, wahú imrõtõ na (5 anos) nahã,

wahã romhõré te tsadzõri õdi e mari'wa imama nõri nhimi rõtina ipõ'retsi'õri õdi taha'wa, e mari'wa watõ itsina ropitsutupa taha'wa.

Wahú (2007) na wa'rãtsutu (3º Ano do Ensino Médio) 'ri'ahõ wa'õtõ ãma (Escola Estadual 31 de Março) te romhõrére damã romhõré wate ãma udzutsi taha'wa duré rowaihu'u te tsa'ëtêda duré te ãma waptõbda duré watsõpete idub'rada watsiré wa romhõréni apõ te damã romhõréwa tirom ãma hã.

Ãma imrõna romnhõré waradzu te na duré a'uwê te na rotsa'ratana duré rowaihu'una ãma itsapri damã romhõré'wa Adailton nhimi rowaihu



Figura 17 Lázaro e Adailton Encontro Pedagógico dos Professores Xavantes na Aldeia Caçula de 2008



Figura 18 Lázaro, Renato, Goiano e Adauto no Encontro Pedagógico, 2008

A'amo Junho ãma duré (2005) ãma watsõpêtê duré wa waihu'u wama romhõré'wa (Adailton). Itsimi romhõréna wate tsadhanhãri tsa'ëtêna duré ite romhuri 'manhãri nahã, dawana wate a'uprõtsi itsiré nõri wana. Duré maparané datsirõtõ wamhã 'ri'ahõ (Canarana) ãma imrõ wa tsõpêtê te wama romhõré dza'ra waradzu mréména imrõ nhitsi hã, (Lusimar Luisa Ferreira) na. Õhã te timrõmé hõimana waradzu mréména romhõré dahã, taha'wa rotsa'rada mate imã ädzé maparané te waihu'uda romhõré hã, e mari'wa imã hã, até imõri'rada ãma imrõna romhõré duré waradzu mréména romhõré.

Duré mara nahã, wate watsimã robdzanhãmri tsa'ëtëna. Wate watsimã irobdzanhãmri mono ãma imrõ A'uwẽ tena e niha ihi nõri te te waihu'u dza'ra duré e niha te ãma mrõ dza'ra mari mono na. Taha'wa õhõ te natsi ãma anhimiré'é ãma imrõ waradzu te nahã duré A'uwẽ te nahã.

Niwa bõtõ nahã, wa tsadhanã e niha mate tinhitsi matsã a'uwẽ nhitsi nahã. Tawamhã te imã tsi watsu'u ihi (Sibupa) mate tsitsi duré te ãma rowatsu'u itsitsina tinhõtõna te imai õri Wamariré na. ãné ihi (Sibupa) te ãma rowatsu'u itsitsina “Wamari romhi watsi hã). Duré wahã Po'redza'õnõ. Duré õhõ te natsi imã watsu'u ãma imrõ a'uwẽ tehã.

ãma imrõ waradzu tehã, damã rowaihu'uwa tedza natsi ãma adzadhanã duré tedza natsi ãma rowatsu'u uburé ima nhãri dzém na. Niwamhã duré tedza natsi aipó'ó ãma imrõ nhõré nahã, duré tedza natsi ãma rowatsu'u petse waradzu tehã, duré damã rowaihu'uwa hã, tedza ãma waptó a'uwẽ tena uburé mari hõimana dzémna tedza natsi ãma tsimiré'é ãma imrõ a'uwẽ tena. Uburé mari te hõimana dza'ra ãma imrõ nahã, a'uwẽ tehã duré uburé tedza natsi awatsu'u ãma imrõ a'uwẽ tehã. Niwam nahã, damã rowaihu'uwa te wama romhu dza'ra (Jurandina) tadza hã, itsi romhõré piredi. Ni'wa te waihu'u õdi, e mari'wa waradzu te natsi te romhõré wama dza'ra hã taha'wa.

Tinhimi romhuri, niwam nahã, te ti'ru wate 'manhãri dza'rada (Canarana) ãma hã. Romhuri ihõimana hã, dawa'õtõna wahã watsi wadi nori mé (Tapirapé), tawamhã oto wate ãma rowatsu'u dza'ra wamhã waradzu mrémé natsi. Tawamhã te anhã niha i'rãtsudu iwatóbró dzõ duré te ti'ru atéma i'rãtsudu wate watsiwi tsamarida duré te tinhã ni'wa te ãma rowatsu'u õwamhã damã rowaihu'uwai õdi, taha'wa wa ãma rowatsu'u ãma imrõ nébdzémna. Tawamhã wa ãma rowatsu'u ãma imrõ nébdzém na. Duré wa 'manhã atéma ãné wa'manhã duré hõiwaróbó te uprótsi tõda duré imanhãri ipa nahã, te uprótsi dzeiwa. Taha'wa, inébdzé 'rutuna wa 'manhã. Duré te idzadhanã. Emamé ma iwaihu. E mari'wa itsimi rowaihu duré itsi'manhãri aimawi. Wa tãma itsi watsu'u wa waihu'u idzaporé ãma imrõna romhõré hã. Duré imrémé waihu'u'õ uptabi õdi waradzu mrémé hã, ãma imrõ natsi ãma rotsa'rata waihu'u petsedi mate imã waihu'u petse (Adailton) ãma imrõna romhõré hã. Awa'awi hã, watõ waihu'u ané te imã tinhã imã romhõré'wa (Jurandina). Tawamhã, itsimi romhuri hã, wa natsi uprótsi dawana itsiré nõri wana. Duré õhã romhuri te 'ruiwamhã ni'wa te tsadaihu'u õdi dza duré idzéma itsimi rowatsu'u piredi duré tedza ima tinhã itsiré ãma itsiméda.

Wahu (2009) ãma hã, wa watóbro Marãiwatsété'u idub'rata'u e mari'wa wapo'repu imama mréména imrõ dahã, te wama tinhã watsiré 're wahõimana mono da. ãhã wa ãma 're ipo'repu'u duré wadzahuré taha'wa wa itéméwi watsiré 're wahõimana mono da. Duré tõ taha wahum nahã, (2009) na a'amo (agosto) na bödõ 24 ãma mate wamama ai'utõ ihõdzé da'rãdzépu. Duré tõ taha wahum nahã, romhuri ãna wa ihõiba daró Marãiwatsété ãma hã. Duré imama itsi'utõri'u wawi duré wa ihõiba ad'õ nhimara'u, taha parimhã apõ wawi Marãiwatsété'u.

Wahú (2010) na romhõré madõ'õwa te idzõhõ te damé romhurida, e mari'wa watõ romhu duré te damé romhõré'wa damã rowaihu'u wadzõ hã, duré oto ihõimana'wa i'rãtsutu'u te i'uprótsi dzéb'u hã. Bõdõ 10 de Janeiro de 2010 ãma mate i'ahõ nõri tsina ubumrõ tawamhã ni'wam nõri mate tsiwi iti. Romhõrédzé madõ'õwa timrémé te manhã i'ahõma. Wahã wa itsimawẽ te romhurida. Õhõ matõ romhu duré iwaihu'udzé te tãma tihõiba taha'wa, duré maparané te tãma tihõiba taha'wa, duré ãhã wahum na tedza, 'rãtsutu romhõré (Dezembro) na. Tô õhõ wahum nahã, wa'rãtsutu romhõré (2010) na.



Figura 19: Formatura do Magistério de 2010

Wahú (2011) na wa ihõiba romhõré'wana iprédumã ite hã, ãma imrõna (Matemática), e mari'wa romhõré madõ'õ waima iwaihu'u petsedi ãma imrõ imã iwaihu'u petse nahã. A'amo (Abril) wahú (2011) na, mate watõbrõ dapibudzé (UNEMAT) 'uhã, tawamhã wa matsitsi nhitsi te manhãrida damé duré Funai nõri mate tsiwi ãwitsi danhitsi matsitsi dzé (UFSCAR) 'uda, tamémhã te manhãri wamhã te tsapri õdi, Ma duré watõbrõ apõ a'amo (Outubro de 2011) na dapibudzé (UNEMAT) tehã, tawamhã atémã wa oto tsada rotsa'rata, tané nhërẽ imrõ mate éni dawededzé (Água Boa) ãma i'ra dzõ mate pódó (02) bõtõ ãma a'amo (Outubro) ãma wahu (2011) itsitsi Evaristo Teméi'wa dzõ. Date'é parimhã wapibu imrõ oto bõdõ maparané parimhã wanhõtõpe duré waró tsawẽ. Inhimi rotsawẽrẽ hã, ãné waradzu ma itēmẽ ãdzé te imahõ i'utuda duré aimrõ tedza tséptörõ aipahitõ taha'wa aiwara 'ri'u matsitsida atsitsi awa'awi hã, tedza damé itsapri taha'wa, 'ri'u aimorĩ 'manhãrida. Tawamhã, wa'udu robdzena duré rowẽ uptabina duré tô taha bõtõ nahã, imrõ te natsiné tsi'uihõna duré itsi upte 'réhã, taha'wa wa tãma robdzanhã atémã tawamhã, mate idzadze. Wa tãma watsu'u inhõnõ duré tawamhã 'ri'u wata'a imaprébaba dzõ witsida imrõ tēmẽ, tawamhã mawi duré iwa'rãmi wa wara 'ri'u wawi bõdõ (12:57) marawa'wa. Iwitsi wamhã 'ri'u wanhõtõpe, e mari'wa iwatsudu ma iwi duré itsi waprótsi wa

wanhõtõpe i'ra nõri te tinhõtõ dza'ra idub'rata hõrõwa ãma. Inhõtõ rowimhã duré a'uréiwi ni'wa mate ãdzé itẽmẽ tawamhã ipara mate iwi timẽ i'utuda. Ahã tewe aiwa atsitsi matsitsida ai'utu. Taha'wa, tsa'ẽtẽ mate iparamé. Taha'wa, 'ridawa watsitõwa tadza bõdõ mate airé, taha'wa wa itsi upte imõrida romhõródzéb'u, taha'wa wa waptẽ romhõré madõ'õ waiwi te imã tsaréda nhitsi te matsitsida. Tawamhã ma imã tsaré iwatõbrõda 'ri'ahõ'u.

Oto iwitsi wamhã õné haré wamo wama romhuriwai'u te te imã maiwa dzereda danhitsi dahã, taha parimhã wa matsitsi nhitsi duré õné haré wati'õ mari wabdzuridzéb'u. Romhuri'wa te imã tinhã bõtõ nhitsiwi oto. Awẽ tedza tsitõmni. Awa'awi hã, bõdõ (11 de Outubro te watsu'u bõdõ itsitõbdzẽ 12 ãma). Taha'wa ma iwi tirobdzei'õ, tané nhẽrẽ te imã tinhã aipahitõ. Bõdõ tedza tipraba. Duré wadza timé waptuna witsida (SEDEX), tawamhã wa oto watõbró tadza hã, rowẽ wa madõ pi'ã te're tsitsiri imã taha'wa duré wa itsima tinhã wadza tsaprĩ. Oto danhitsi watõbró wamhã imrõtõ ãma wa ihõiba. Taha'wa, itsi waihu'u nõri te tsima rowẽ dza'ra daró 'remhã.

Wahú (2012) na, wa ãma udzutsi romhõréna duré wa ãma na'rata romhõré a'uté ma romhõré nahã, duré romhõré 'ràihõ Marãiwawẽ 'remhã. Te uwaimrãmi õdi inhimi rotsawẽrẽ ãma imrõna romhõré hã, e mari'wa wa 'manhã romhõré a'utémada. Imã wẽdi ãma imrõna romhõré duré ihõimanada ãma imrõ waihu'u petse'wana. Tané nhẽrẽ iwamri matsitsapri uburé mari na imrõna romhõréna. Duré ibõ imã hõimana õdi 'ró hõimana hã, taha'wa wa tsadzõ ãma imrõ rotsa'rada hã.

Wahú 2013 nahã, imama iwi ai'utõ bõdõ 28 a'amo wa'wa Junho ãma dawedzẽ Tsibapa're, taha'wa imama ãna wa ihõimana duré ni'wa te natsi i'upari õdi te 'remhõré'rẽ hã, wate robdzépata, e mari'wa idzari tsurudi duré i'ra nõri ma itsadzém na wate a'uprótsi. Idub'rata tsi te i'ãma tsiwãri bõdõdi na itsi madõ'õ dzébda hã.

Wahú (2016) ãma wa 'ràtsutu romhõré hã, taha'wa i'ahõ nõri te tsima rowẽ dza'ra duré imõri'rada te 'ràtsutu'wa a'utéma romhõré dahã, darób 'remhã.

Wahú (2017) ãma hã, 'ri'ahõ madõ'õwa (Bom Jesus do Araguaia) tehã, mawi 'ri'u duré mate ipitsutu a'utéma te romhõréda romhõródzẽ (Escola Municipal Manuel Augusto Tõbhõiwede) ama, taha'wa, wa ãma tsadze e mari'wa a'uté te romhõródzém ãma hã, babadi romhõré'wa iwaihu'udzéb'rẽ hã. Tô õhõ wahum nahã, wa 'manhã romhuri te duré ãma waptõbda romhõré nahã (UNB) 'u. Tawamhã, inhimi romhuri hã, mate damé ro'radzõ tané nhere iwara õdi, danébdzẽ babawa dzeru.

Wahú (2019) nahã, dzahadu wa damã romhõré a'uté duré tô õhõ wahum nahã, apõ wa'manhã (UNEMAT) 'uhã, inhimi rotsa'rada hã, romhõréna te ãma udzutsida, tawamhã dapibudzépte bõdõ mate watõbró tané nhẽrẽ tsõ datsiwapé dza'ra wamhã, (13) mitsitõ tsi'ubdatõ ãma wahõiba duré dahõiba iti hã, tsurudi mate wairé (10) mitsitõ tsi'uiwana duré aiwa (10) mitsitõ tsimitsutu, maparanétõ (20) na, dahõiba hã, duré tawamhã, wahã te 'ro'radzõri õdi (UNEMAT) 'uhã.

Wahú (2021) nahã, wa ãma waptó ite romhuri nahã, wa ãma romhõtsi rotsa'ratana, e mari'wa inhimi rotsa'rada hã, romhõré natsi duré imama mréména wa're ipo'repu'u, taha'wa inhitsi wa matsitsi (UFG) 'u te 'manhãrida duré tsi'ubdatõ ãma wapibu dapibudzé, tané nhêrê wa áté tsimini. Bödö höimana wamhã dapibudzépte 'ri'ahõ'u wa wara, e mari'wa wa rotsa'rata rowa'u itsiptete'u 'ri ãma hã, tsib'uwa'wa, taha'wa 'ri'ahõ'u wa wara, tané nhêrê 'ri'ahõ 'remhã iró'ore madörö ina'rata hawi (5) imrõtõ tsi'utõri parimhã apõ mate 'ró tadza hã, date imã 'rui õdi idzébré dahã, mate iwi wa'rani. Ni'wa idzö riti õdi mari idzö iwatóbró dzö hã, tawamhã mate iwi tiróbdzei'õ duré wa iwawa. Inhimi rotsawêrê hã, (UFG) 'u dahã, te romhõré dahã, tané nhêrê wa rotsawê taha'wa tsa'ëtê wa'udu. Wa rotsa'rata e mari'wa waró tsawê dapibudzé mato ró'radzö. Tawamhã wamo rowa'u'u, tané nhêrê romrémé mate itëmêwi dapibudzé mate rõtõni duré apõ ité tedza 'manhãri dza'rani. Taha'wa, wa itsima rowê duré wa itsimã tinhã: te tsimi õdi dza bödö iwê hã, wa itsimawê damréména te romhõré dahã, taha'wa dahödzé madö'ö waima wa robdzanhã dadzatsidzé te imã tsõmrida duré mitsi 'ri're wa'õnõ te imã tsõmrida. Oto dapibudzépte i'rãtsudu watóbró wamhã wena watsapri taha'wa mate dahödzé madö'öwa mate imã hepãri dza'ëtê, duré wahã wa tsawi dza'ëtê Wamama Dapoto'wa emari'wa bödö iwê te imã tsõmriwa duré uburé mari õha wiptsi taha'wa.

Wahã wate damã 're romhõré ãma imrõna tadza hã, awa'awi hã wa ädzé damréména rowaihu'uwai'u (UFG) duré damréména wadza romhõré taha'wa wadza tsadzõ ãma imrõ romhõré hã, emari'wa aré imã iwê ãma imrõna romhõré hã, tadza hã, inhimi rotsawêrê'u iwitsi õdi, wa 'rãtsutu a'utéma romhõré dahã, oto awa'awi hã damréména wa romhõré. Awa'awi nahã, waradzu mrémé natsi wa oto natsi damã romhõré. Imã iwê waradzu mrémé te waihu'uda, taha'wa inhimi romhuri hã, maparané waradzu mréména duré ãma imrõna, emari'wa romhõré'wai madö'öwa hã, ité hã mate romhuri maparané imã titsõ damã romhõré dahã.

Taha'wa, awa'awi hã, wahã damã rowaihu'uwa wa romhõré waradzu mréména duré a'utéma ãma imrõna imrõpö (6) ãma iwahum ãma wa natsi romhu a'uté nõri ma duré a'uwê mréména wadza ãma amo waradzu mréména te waihu'udza'rada dzahuré duré taha'wa watena duré waradzu tena duré niwamhã waradzu tena te romhuri wamhã wadza ãma tsapri a'uwê mrémé'u tawamhã inhimi ubumrõ õné haré tedza waihu'u inhimi romhõré hã.

Romhõré te 'manhãriré hã, inhimi rotsa'rada ãma itsitõbda damréména duré ãma imrõna, emari'wa niwa ni'wa ãma po'repu'u õwa, taha'wa inhimi rotsa'rada te watsu'u mono da ãma imrõ a'uwê tehã, duré te tébréda itsihõtõna duré a'uwê mréména romhõré'ré höimana dza'ra mono da.

Ãnewa, A'uwê te romhõré'dzéb'remhã maihöimana õwa romhõré'wa te ãma iromhuri dza'ra mono dahã, taha'wa inhimi rotsa'rada hã, romhõré'wa nõri te te waihu'u dza'ra mono da wate ãma imrõ hã, duréi wahi'rata nõri mari na te imrõ dza'ra mono dzémna.

Duré inhimí rotsa'rada hã, te tsô abada rowatsu'u uptabi dzô duré e niha ãma imrô a'uwê tehã, duréi hã ihi nãri dô'ô dza'ra ôré wate watsiwi tsimini tãda duré ihöibaté te te waihu'u dza'ra mono da tité rowaihu'u na'ratadzé hã, duré tihöimanadzém nahã.

3. METODOLOGIA

Para realizar este trabalho, fiz entrevistas presenciais com os anciãos, senhor Dário Penhõrõ, senhor Lourenço Tserewatsa. Também conversei por telefone com Padre Aquilino Tsere'ubu'õ, Professor Martinho Tsere'edi e com Professor Adailton da Silva. Além dos conhecimentos riquíssimos adquiridos nessas entrevistas, baseie-me na minha própria experiência como professor de matemática A'uwẽ Uptabi, como apresentei nos capítulos 1 e 2.

Realizei a entrevista do Senhor Dário Penhõrõ, na aldeia Tsiba 'adzatsi, na Terra Indígena Marãiwatsédé, no dia 28 de agosto de 2023. Escolhi o senhor Dário, porque nasceu antes de contatos. Além disso, ele tem um grande conhecimento na sua memória para contar a realidade do povo Xavante. Na entrevista, ele explicou o funcionamento da contagem própria do povo Xavante e antigamente os Xavantes vão iniciar as contagens só em 2 (Dois), porque a contagem provém da concepção dupla em dois clãs *Po'redza'õnõ* e *Öwawẽ*. Além disso, ele explicou também que os Xavantes contavam algumas coisas nas suas práticas, mas contavam na observação, no pensamento e na sua tradição e no costume.

Realizei também entrevista com senhor Lourenço Tserewatsa, na aldeia Marãiwatsédé, no dia 13 de outubro de 2023. O senhor Lourenço comentou sobre a Matemática do povo Xavante, e demonstrou preocupação pelo fato de hoje os Xavantes viverem na vida moderna, por isso os alunos e os jovens não usam mais a sua própria da Matemática. Para Lourenço, hoje os jovens usam o empréstimo do não índio *waradzu* e deixaram a sua própria de contagem de origem que ancestrais deixaram para nós.

Além das entrevistas presenciais, também realizei conversas por telefone com professores. Assim, conversei com o Padre Aquilino Tsere'ubu'õ, porque ele é o padre Xavante e sempre acompanha a escrita do Xavante. Como os padres fizeram as produções as cartilhas na língua Xavante, ele sempre acompanhou o processo de desenvolvimento da escrita Xavante, de modo que quando seus colegas erram a escrita do Xavante e ele vai corrigir o texto na língua Xavante.

O professor Martinho me conversou¹⁸ na ligação sobre a aula da Matemática, sobre como os professores Xavante dão a aula para seus alunos dentro da sala de aula. Então, o professor Martinho explicou que ensina a Matemática dentro da escola e faz a comparação entre a forma de pensar do xavante e não índio, pois ele acredita que se o professor ensinar as duas formas de pensar, os alunos devem aprender rapidamente a Matemática.

Por fim, conversei também com o Professor Adailton da Silva, que participou do Seminário de Dissertações em Andamento onde apresentei o meu projeto. O professor Adailton também

¹⁸ No processo de revisão do texto, mantive a forma “me conversou”, porque demonstra que na variedade de Português A'uwẽ Uptabi, o verbo conversar, assim como o verbo gostar, comportam-se como transitivos. [Nota da Orientadora]

conversou sobre da Matemática do Xavante, porque ele já pesquisou nossa Matemática na Terra Indígena Pimentel Barbosa, por isso ele sempre me acompanhando para tirar as ideias e ele pode fazer também a comparação da Matemática do não índio.

4. O POVO A'UWÊ UPTABI

Neste capítulo, apresentaremos algumas informações sobre as Terras Indígenas em que os A'uwê Uptabi habitam, na seção 4.1. Em seguida, na seção 4.2, apresentaremos informações sobre sua organização social.

4.1 O Território do povo A'uwê Uptabi

A população Xavante hoje está estimada em torno de 26.021 pessoas, distribuídas nas nove Terras Indígenas.: Chão Preto, Ubawawê, Parabubure, Marechal Rondon, Marãiwatsédé, São Marcos, Pimentel Barbosa, Areões e Sangradouro/Volta Grande - que constituem parte do seu antigo território de ocupação tradicional. De acordo com o levantamento realizado pelo Distrito Sanitário Especial Indígena – Xavante, em 19 de Outubro de 2023, a população Xavante estaria distribuída da seguinte maneira:

Tabela 1: Demonstrativo da população por Polo Base.

POLO BASE	POPULAÇÃO	%
Campinápolis	10.028	39,54
São Marcos	5.090	20,07
Água Boa	5.032	19,84
Sangradouro	2.885	11,37
Marãiwatsédé	1.205	4,75
Paranatinga	1.124	4,43
TOTAL	25.364	100 %

Fonte: Siasi 4.40.27 – Versão do Branco: 4.15, extração realizada em 19/10/2023.

O território Xavante é basicamente formado pela Serra do Roncador e pelos Vales dos rios das Mortes, Kuluene, Couto de Magalhães, Batovi e Garças, no centro-leste mato-grossense. Das nove terras indígenas, Chão Preto e Ubawawe são contíguas a TI Parabubure; as demais, Marechal Rondon, Marãiwatsédé, São Marcos, Pimentel Barbosa, Areões e Sangradouro/Volta Grande são geograficamente descontínuas (cf. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>), conforme pode ser visualizado no mapa abaixo:



Figura 21: Mapa da região da serra do Roncador

Fonte: Força Área Brasileira

Na Terra Indígena Marãiwatsédé, há atualmente uma população de cerca de 1.350 pessoas, em 21 aldeias. Antigamente, era apenas uma aldeia central, Marãiwatsédé, porém criaram as demais aldeias nas fronteiras da Terra Indígena para evitar a entrada de *waradzu* que buscavam roubar madeira.

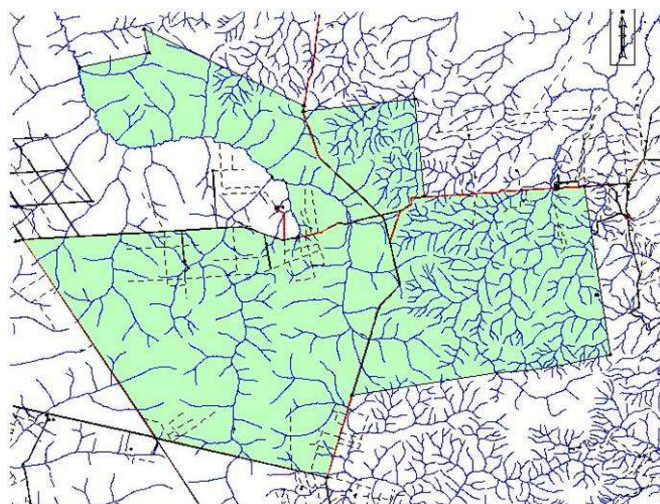


Figura 22: Terra Indígena Marãiwatsédé

Fonte: Opan da Sayonara

4.2 Organização Social do povo A'uwẽ Uptabi

Do ponto de vista da Mitologia A'uwẽ Uptabi, precisamos entender a formação dos *Parinai'wa*, o criador de todos os seres vivos. Os Parinai'wa nasciam em dupla e são as divisões deles: *Po'redza'õnõ* e o *Öwawe*. *Po'redza'õnõ* significa “Girino” e outro clã *Öwawẽ* significa “Rio das Mortes”.

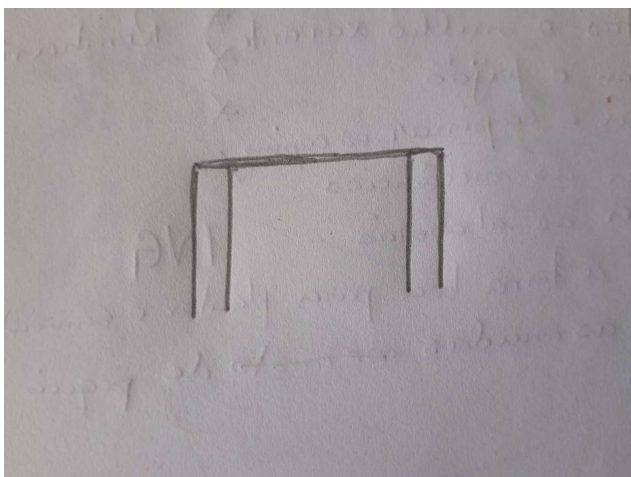


Figura 23: Öwawe



Figura 24: Po'redza'õnõ

Na cultura do povo Xavante, os dois clãs são muito importantes para os Xavantes. Os dois clãs que lutam se chamavam *oi'ó*, luta dos meninos. Esta é o início da contagem da pessoa entre xavante: não no zero, não no um, mas sempre na ideia do DOIS.



Figura 25: Filhos e sobrinhos do autor no Oi'ó (Luta dos Meninos)

Fonte: Foto feita pelo próprio autor na aldeia Marãiwatsédé, em 27 de fevereiro de 2017.

Na cultura do xavante, ninguém não pode casar no mesmo clã, pois isso não é permitido dentro da organização social do povo xavante.



Figura 26: Wai'a na Bö'u 1966

Fonte: Foto do Ariosto da Riva

Depois, o Tsa'amriwawě criou os grupos para disputar entre da cultura da festa e da corrida de torá são *Hötörã*, *Êtêpa*, *Nõdzö'u* e *Tsadró* e outros grupos *Airere*, *Tirowa*, *Abare'u* e *Anarowa*.



Figura 27: Corrida de Tora do povo A'uwẽ Uptabi

Fonte: Franço Öwari na Aldeia Belém



Figura 28: Corrida de Tora de Buriti, na Marãiwatsédé, na década de 1940.

Fonte: Fotografia de Dário, um waradzu que primeiro fez contato com povo A 'uwẽ

Esse é o início da contagem das pessoas dentro dos Xavante, e depois o Tsa'amriwawẽ deu os conhecimentos para os Xavante e da sabedoria própria como a cultura, a crença, as caças, as pescas, os cantos, as danças, a festa tradicional, o casamento tradicional, a divisão do grupo e a organização social. Então, antigamente os Xavante faziam a sua contagem na sua mente e na observação e no céu. Além disso, utilizavam a contagem para fazer algumas coisas, como os artesanatos, as caças, as corridas, os cantos, as danças, as pescas, os gritos e as pinturas.

O Tsa'amriwawe deu as sabedorias para Butséwawe, porque os Xavantes matavam o Parinaí'a, quando o Butséwawe crescia muito alto igual como gigante, por isso os Xavantes deram o nome do Butséwawe. “Ele tem grande da sabedoria, e organiza tudo o que os xavantes vão acostumar na cultura, do costume, crença, da cultura e todas as festas tradicionais”. Então, o Butséwawe para os Xavante representa os conhecimentos para criar todas as festas tradicionais para os povos Xavantes,

e ele também é o criador dos artesanatos dos homens. Depois o Tsa'amriwe deu a criatividade para a Tsinhõtse'ewawe e ela também criava as atividades das mulheres Xavantes.

A Matemática do A'uwẽ Uptabi, como o princípio da contagem, vem dos saberes dos conhecimentos próprios e originalmente da realidade e do pensamento Xavante. Este princípio está de acordo com o sistema dual de organização social dentro do seu povo Xavante, e do pensamento que caracteriza o conhecimento próprio do povo Xavante. Na cultura do A'uwẽ Uptabi, a divisão em dois clãs é considerada a origem da contagem tradicional. Esta lógica dual também explica o sistema numérico Xavante. Os próprios termos numéricos do povo mostram a diferença entre números pares e ímpares. A numeração tradicional do povo é de base 2. Contam-se nos dedos, agrupando-os de 2 em 2, unindo as mãos por meio da junção dos polegares.

São pares de metades que se opõe (exemplo de pares de metades: homem e mulher, casa e pátio da aldeia, aldeia e mata, vivos e mortos, dia e noite, espírito e alma). Cada um deles se opõe a um aspecto ou domínio da sociedade. A forma de dupla entre os Xavantes inicia a reprodução da população das famílias, porque na cultura dos Xavantes, o menino cresce separado e o pai vai ensinar a vida dos homens de fora da vida da menina, pois na cultura Xavante, os filhos são cuidados de forma separado. E a menina cresce com a mãe, ela vai ensinar a vida das mulheres e vai ensinar as práticas das mulheres e cuida só dela, enquanto o pai vai aconselhar tudo com seus filhos.

Além disso, são divididos de outras formas, de acordo com as classes de idade que pertencem. A vida social Xavante é organizada a partir da faixa etária do ciclo de vida são bebê (*A'utépré*), criança (*A'uté*), menino (*Ai'repudu*), menina (*Adzarudu*), adolescente (*Wapté*), jovem (*'Ritéi'wa*), moça (*Adaba*), padrinho dos adolescentes (*Danhõhui'wa*), velho (*Iprédu*), ancião (ã) (*Ihi*) e idoso mais velho (*Ihipe*). A faixa da etária do povo A'uwẽ Uptabi é uma Matemática, porque os Xavantes homens passam toda a festa tradicional em cada fase, quer dizer, as fases do ciclo de vida Xavante.

4.3 As Danças Tradicionais do povo A'uwẽ Uptabi

Um dos aspectos bastante importantes da cultura Xavante é a dança. Para os Xavantes, a tradição da dança é muito importante que todos participem, porque na cultura do Xavante, a dança não é uma só e tem várias danças na cultura do Xavante. Cada fase da vida é marcada por um tipo de dança, como *Dadzarõnõ*, *Dapraba* e *Wamnarĩdóbe*.

O *dadzarõnõ* é a dança dos adolescentes, dos padrinhos e das mulheres xavantes, quando tem a grande festa na aldeia, em que as pessoas das outras comunidades também participam. A dança do *Dadzarõnõ* é aberta para todo mundo dançar, o dia inteiro. Para a dança do *Dadzarõnõ*, os adolescentes se pintam e o padrinho também. Quando o *Dadzarõnõ* começa, as mulheres participam também, e podem dançar só com o cunhado. Para pagar essa dança, o cunhado, quando consegue

caçar animais ou peixes, paga a cunhada com a caça, porque ela dançou junto com ele. Trata-se do pagamento tradicional (*datsirene'wa'ö*). Além disso, a mulher não podia dançar com seu marido nessa festa. Porém, atualmente, é bem diferente. É muito difícil ver as mulheres dançando com seus cunhados, e, em geral, elas só dançam com o marido.



Figura 29: Dadzarõnõ: a última dança dos adolescentes. 30 de abril de 2023, Marãwaisédé



Figura 30: Dadzarõnõ: a última dança dos adolescentes. 30 de abril de 2023, Marãwaisédé

A dança do Dapraba é feita pelo jovem ('Ritéi'wa) Xavante, mas nessa dança do Dapraba todo mundo, os homens e as mulheres, também participam. O dapraba (dança do círculo) é importante para os anciãos, porque essa dança do Dapraba gera grande alegria para as comunidades. Além disso, na cultura do Xavante, o Dapraba vai afastar a doença, mas essa a dança é boa para distrair o corpo.



Figura 31: Dapraba - Dança do 'Ritéi'wa (Jovem)



Aldeia Belém 21 de Setembro de 2011

A dança do Wamnarĩdóbe é uma dança do padrinho dos adolescentes durante a festa tradicional, quando o padrinho começa a dança Wamanrĩdóbe no início da cerimônia da furação de orelha. Enquanto os adolescentes estão na água, o grupo dos padrinhos se reúnem e dançam e cantam na parte da tarde e na madrugada



Figura 32: Dança do Wamnarĩdóbe (dança dos padrinhos).

Fonte: Foto de Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo na Adeia Marãiwatsédé, 21 de Junho de 2018

Matematicamente, o cantor faz a marcação do ritmo com os pés, pisando de dois em dois. O movimento da dança do padrinho constitui um círculo. Quando os padrinhos começam a dança, jogam os pés na sua direita. Quanto voltam, jogam os pés na sua esquerda. Desse modo, podemos dizer que as danças dos Xavantes indicam a contagem pelos pés, marcando o ritmo da dança e do canto.

4.3 História do Povo Xavante A'uwẽ Uptabi

Embora diversos documentos tratem da história da retomada do território de Marãiwatsédé, neste capítulo não o citaremos. Não por não consideramos narrativas importantes, mas porque pretendemos nesse capítulo que o próprio Lázaro, como um xavante deste território, conte a história de seu ponto de vista.

Há muito tempo, o Deus dos Xavante, Tsa'amriwawẽ, existia sozinho na terra e ninguém vivia junto com ele. O Deus dos Xavante TSA'AMRIWAWË criava todas as coisas para os Xavantes. Tsa'amriwawẽ fazia a divisão tradicional para os Xavante para viver sempre entre si, no seu cotidiano próprio da sua vida. Tsa'amriwawẽ criou, em o primeiro lugar, Homem e Mulher. Tsa'amriwawẽ cortava uma madeira do galho, chama WAMARÏ WAIHI; cortava no meio de madeira para ficar em duas partes e depois amarrava uma cordinha e, então, ele deixou esse pauzinho com a cordinha amarrada no meio da aldeia, no WARÃ. Então, à noite surgiram dois Xavantes, que se reproduziram e nasceram outros Xavantes. Quando já havia vários Xavantes, o Tsa'amriwawẽ reuniu os Xavantes no meio do Warã, porque o Tsa'amriwawẽ precisava ir para céu, mas ele prometeu para os Xavantes: “Eu vou mandar dois adolescentes para ficar no meu lugar e só eles vão criar todas as coisas para vocês e então vocês usam a criação deles”. Desta forma, antes de subir, o Tsa'amriwawẽ criava os clãs Po'redza'õnõ e Öwawẽ.

Antigamente, os Xavantes não tinham as comidas tradicionais e não tinham nada para comer, só comiam os insetos (wedewai'u). Depois, o Deus dos Xavantes subiu para o céu. No lugar dele, o Parinai'a nascia e crescia junto com os Xavantes. Então, os Parinai'a nasciam em dupla com companheiro na língua *I'amo* e as divisões deles, Po'redza'õnõ e o Öwawẽ. Nessa divisão, Po'redza'õnõ significa “Girino” e Öwawẽ significa “Rio das Mortes”. Quando eles criavam algumas coisas, sempre chamavam seu companheiro e seu companheiro respondia o que deveria fazer. Então, sempre faziam algo que seu companheiro gosta. Assim, os Parinai'a começaram criar as comidas: primeiramente, criaram os peixes pe'watõ. Quando os xavante viram os peixes, deram os nomes pe'watõ e trairão. No dia seguinte, criaram o Tuiuiú Dza'u'e. No outro dia, criaram a noite. Dentro da casa dos adolescentes, criaram as formigas pretas Dzômhurã. Logo depois, os xavantes disputaram na corrida de tora de buriti. Antes de começar a corrida, criavam as montanhas êtêwawẽ, onde fica a serra do roncador, no município de Santa Terezinha e agora os brancos deram o nome de Morro Xavante. Por último, os Xavantes foram caçar e então, eles criavam as onças *hu* para assustar os caçadores Xavantes. E todo mundo ficou com medo das onças. Como os Parinai'a criaram muitas

coisas, inclusive coisas ruins, os Xavantes se reuniram e decidiram traí-los e matar os dois. Então, os xavantes mataram os Parinai'a. Depois que os Parinai'a morreram e deram o nome parinai'a para os marimbondos. Depois que os Parinai'a morreram, ninguém continuou a criar coisas novas.

Depois da morte dos Parinai'a, o Tsa'amriwawê deu a sabedoria do conhecimento para o Butséwawê. Porque os Xavantes mataram os Parinai'a, quando o Butséwawê crescia muito alto igual como gigante, por isso os Xavantes deram o nome do Butséwawê, porque ele é alto e tem grande sabedoria, sabe organizar tudo, inclusive a organização social do povo Xavante. Foi ele que consertou a cultura do Xavante, criando os costumes, as crenças, as festas tradicionais. Então, o Butséwawê para os Xavante tem grande conhecimento para criar todas as festas tradicionais para o povo Xavante. Ele também é o criador dos artesanatos dos homens. Depois o Tsa'amriwê deu a criatividade para a Tsinhôtsê'êwawê, esposa de Butséwawê. Ela também criou as atividades das mulheres Xavantes.

O Butséwawê criou a organização social, as leis e as regras dos Xavantes. É o primeiro na contagem de pessoas entre Xavante, porque na cultura do Xavante ninguém não pode casar no mesmo clã, pois isso não é permitido dentro da organização social do povo Xavante. Depois, o Tsa'amriwawê criou os grupos para disputar nas festas e na corrida de tora: Hötörã, Êtêpa, Nōdzö'u e Tsadró e outros grupos Airere, Tirowa, Abare'u e Anarowa. Porque Butséwawê foi escolhido do Tsa'amriwawê, por isso o Butséwawê representa a grande sabedoria e os conhecimentos. Por conta dele, os Xavante sabem a própria cultura, as crenças, as caças, as pescas, os cantos, as danças, a festa tradicional, o casamento tradicional, a divisão do grupo e a organização social. Então, antigamente os Xavante faziam a sua contagem na sua mente e na observação e no dedo para fazer artesanatos, caças, corridas, cantos, danças, pescas, gritos e pinturas.

Antes de mil quinhentos anos, os xavantes viviam juntos, só que em cada região, mas a cultura era a mesma e as línguas também. Por isso, antigamente os xavantes viviam sozinhos, caçavam com espaço livre, pescavam sem contaminar os rios. Não tinha pastagem, não tinha destruição do ambiente da natureza.

Antigamente, os xavantes sempre lutavam na guerra entre si por causa da região. Se alguns deles entravam no outro lugar, os donos dos lugares se encontravam, brigavam para não pode entrar mais.

Os xavantes viviam juntos na região Marãiwatsédé, mas antigamente moravam onde ficou o Município Santa Terezinha e até onde ficou Nova Xavantina. Os xavantes moravam também perto do Rio das Morte e do Rio do Araguaia. E aí os xavantes sempre brigavam. Alguns mudavam para Nōrōtsu'rã, onde atualmente é a Terra Indígena Parabubure, em Campinópolis; Arobónhipó, onde atualmente é a Terra Indígena Pimentel Barbosa, em Ribeirão Cascalheira; Êtênhitséréhi, onde atualmente é Terra Indígena Areões, nos municípios de Nova Xavantina, Água Boa e Nova Nazaré; e Önhu'udu, atualmente Terra Indígena Chão Preto, em Campinópolis e Santo Antônio do Leste. Os

xavantes de Marãiwatsédé moravam lá mesmo, não queriam abandonar a Terra de Origem, onde Deus dos xavante Tsã'amriwawe existia. Então, os xavantes de Marãiwatsédé moravam em várias aldeias: Tsõ'repré, Tsiba'ahatsi, Ubdõhi, Êtêtsimara, Bö'u, Abare'u'õmonhõtödzé. Essas aldeias são muito grandes, e os xavantes viviam mais próximo uns dos outros.

Quando os waradzu chegaram ao Brasil, dividiram o Brasil, por isso os xavantes vivem hoje no Centro do Oeste, no Estado do Mato Grosso. Então, criaram uma aldeia grande Tsõ'repré. Dentro dessa aldeia grande, os xavantes brigavam. Houve guerra, por isso os xavantes se dividiram em cada região, mas alguns formaram uma aldeia Arabonhipó e Wededze, onde a Terra Indígena Pimentel Barbosa ficou atualmente; outra aldeia foi a Êtênhitséréhi, onde a Terra Indígena Areões ficou atualmente. E duas aldeias já existiam antes do contato com waradzu: Nõrõtsu'ra (Couto Magalhães) e Õnhõ'udu (Batovi), que ficavam Rio Klüene e Paranatinga II.

Depois da descoberta do Brasil, alguns xavantes fizeram expedição para procurar a terra nova. Eles vieram na região Tsõ'repré e passavam no Rio das Mortes. Caçavam em todo território e aproximavam no rio Araguaia, onde Barra do Garças está atualmente.

Então, eles passaram direto e descasavam em Goiás. Depois se levantavam para sair madrugada e chegavam onde ficou São Paulo, quase aproximavam do Rio de Janeiro. Com mais dois de caminhada, chegavam no Rio de Janeiro e encontravam os brancos (Waradzu). Quando os xavantes chegaram lá, alguns os homens e as mulheres Xavante foram pegos para escravizar, igual os escravos ocidentais, como os da África. Mas os xavantes não queriam ficar como escravo, porque os xavantes só trabalham para sustentar as suas famílias.

O resto dos Xavantes voltavam de novo onde viviam, porque os brancos atrapalhavam no Brasil, por isso eles voltavam para o Mato Grosso. Então, os xavantes que foram escravizados sumiram à noite, pois não queriam alguém para mandar neles. Esses Xavantes conseguiram fugir e correram atrás do seu povo e chegaram até Pirenópolis¹⁹, mas os brancos foram atrás deles para pegarem de volta. Quando os xavantes chegaram à tarde no rio Araguaia, atravessavam o rio, mas de repente o boto apareceu no meio do rio. Então, os xavantes foram divididos, porque alguns tem muito medos e alguns já travessavam para o outro lado. Os que travessaram primeiro passaram a ser chamados de povo Verdadeiro Xavante, ou seja, A'uwẽ Uptabi. Os que voltavam passaram a ser conhecidos como um outro povo, o povo Akwẽ (Xerente). Trata-se da primeira divisão do povo Xavante e também o início da contagem da divisão em dois.

Assim, o povo foi dividido em dois. Nessa divisão, alguns abandonavam seus filhos, mas pediam para alguém da família cuidar bem e poder dar a comida. Então, quando os xavantes que

¹⁹ Para os Xavantes, o nome da cidade de Pirenópolis é um empréstimo do Xavante para o Português. Originalmente era Piredi, que significa 'pesado', porque os brancos ouviram uma mulher xavante dizer que a cabaça de água estava pesada (piredi).

atravessaram primeiro se espalharam por todo o território, onde hoje ficam as nove terras indígenas do povo Xavante.

Os xavante de Marãiwatsédé viviam sempre lá mesmo, porque não queriam abandonar a sua Terra de origem, onde o Deus dos Xavante Tsa'amriwawẽ e o Butséwawẽ criaram tudo o que existe. Também nesse território, a terra é muito sagrada e lá mesmo fazem as festas da cultura: wai'a, datsirêne, danhõ're, aihõ'uni, pahõriwa, tébé, datsipadõ, darini. Essas festas foram criadas por Butséwawẽ, criador e grande sabedor para povo de Marãiwatsédé.

Por muito tempo, os xavantes de Marãiwatsédé viveram perto do mato, porém em 1940, quando os waradzu já tinham se espalhado por toda parte, encontraram os xavantes. Em 1966, a Missão Salesiana mentiu para os Xavantes de Marãiwatsédé que os brancos iriam matar os Xavantes por causa de terra. Então, os salesianos contaram a mesma história no Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que enviaram um avião da Força Aérea Brasileira (FAB), para tirar os xavantes de Marãiwatsédé e levar para outra região em São Marcos.



Figura 33: Viagem dos Xavantes de Marãiwatsédé para São Marcos, em 15 de agosto de 1966

Fonte: Diário da Riva, parte do acervo da OPAN

Após a chegada dos Xavantes de Marãiwatsédé na região São Marcos, as pessoas de Marãiwatsédé morreram muito. As crianças, os jovens e os anciãos e anciãs morreram, por causa do veneno que colocaram na água e na comida deles. Para os Xavantes de São Marcos, os Salesianos falaram que os Xavantes de Marãiwatsédé morreram por causa de sarampo. Mas os Xavantes de Marãiwatsédé acreditam que a causa da morte foi veneno e não sarampo.



Figura 34: Freiras salesianas cuidando dos doentes em Marãiwatsédé

Fonte: Fotografia dos Padres Salesianos, no acervo da OPAN.



Figura 35: Doentes em Marãiwatsédé

Fonte: Fotografia dos Padres Salesianos, no acervo da OPAN.

Por conta das mortes, os Xavantes de Marãiwatsédé se espalharam para cada região. Alguns foram para a Terra Indígena Sangradouro, no Couto Magalhães e alguns deles ficaram em São Marcos. No ano de 1979 a 1980, os Xavantes de Marãiwatsédé lutaram politicamente pela primeira vez junto do povo Xavante de Nõrõtsi'rã, tirando fazendeiros, os invasores e quebrando as casas deles. Depois da luta de retirada dos fazendeiros, conseguiram a homologação da TI Parabubure, chamada em Xavante de Nõrõtsu 'rã. Um jovem guerreiro, Damião Paridzané, fez a sua luta junto com seu povo de Marãiwatsédé, porque ele ouviu a notícia da sua terra de origem, por isso o pensamento dele era retomar a área onde seus familiares, os pais viviam e os bisavôs que caçavam.

No ano seguinte, em 1981, tudo mudou: uma criança havia desaparecido na beira do rio e a comunidade de Nõrõtsu'rã suspeitou que pessoas de Marãiwatsédé haviam matado a criança. Os xavantes quase brigaram entre si e o guerreiro Damião Paridzané pacificou a todos com o uso da palavra. O conflito entre os xavantes virou notícia para FUNAI que fez um frete para buscá-los na outra região para transferir para a TI Areões, onde havia o tio do Damião, chamado de cacique Adão.

A mudança para TI Areões ocorreu no dia 20 de setembro de 1981. Ao todo eram 30 pessoas de Marãiwatsédé que se organizaram e formaram a aldeia Êtê'are, onde viveram por pouco tempo. No ano de 1984, os Xavantes de Marãiwatsédé deixaram a T.I Areões, e junto da sua liderança, resolveram mudar para TI Pimentel Barbosa, devido ao conflito com os xavantes de Areões, que, vergonhosamente, disseram que “aqueles xavantes não tinham sua terra de origem”. Assim, os

Xavante de Marãiwatsédé se sentiam discriminados por não terem mais sua terra de origem, uma vez que tinham saído de lá no avião da FAB, e também porque muitos haviam morrido, restando apenas 30 Xavantes de Marãiwatsédé.

A comunidade Marãiwatsédé que ainda contava com população reduzida de 30 pessoas em Areões foi então para Terra Indígena Pimentel Barbosa. No dia 22 de Maio de 1984, o Xavante de Marãiwatsédé formaram a aldeia Água Branca, chamada assim por ter a água muito clara, na língua xavante *Öpraba'örã*.

Em Pimentel Barbosa, durante três anos, os xavantes também falavam que o povo de Marãiwatsédé não tinha terra própria, sempre falavam e faziam a discriminação entre os xavantes. Isso fez com que o Cacique Damião procurasse descobrir quem tinha vendido a terra e expulsado seu povo para aldeia São Marcos. As comunidades da TI Pimentel Barbosa resolveram fundar a aldeia Água Branca naquela mesma terra indígena. Parte do povo xavante de Marãiwatsédé que se encontrava disperso em outras terras, como a de São Marcos e Sangradouro, também se deslocou para aldeia Água Branca, após a fundação da aldeia.

Anos depois, após receber um convite dos governantes, o Cacique Damião foi discutir sobre a situação da terra Marãiwatsédé. Em 1989, houve a formação de um grupo de parlamentares e ativistas do Partido Verde da Itália que juntos realizaram a campanha Nord Sud. Em conjunto com entidades brasileiras, o grupo tinha o objetivo de identificar os investimentos italianos na Amazônia brasileira.

No ano de 1990, o ex-governador de Mato Grosso, Júlio Campos, se comprometeu a devolver a terra e a luta não parou. Nesse ano, houve a publicação do *Dossiê Itália-Brasil* que divulgou a história xavante, denunciando que a terra dos nossos ancestrais tinha se transformado na fazenda Suiá-missu que possuía investimentos da Agip Petrolí da Itália. Na época, o italiano Mariano Mampieri, ligado à campanha Nord Sud, visitou a aldeia para conversar sobre a terra. Nessa conversa, Mariano convidou o Cacique Damião para ir ao Rio de Janeiro realizar uma campanha pela luta pela terra.

Em 1992, foi formado um grupo de trabalho da FUNAI para identificação e delimitação da TI Marãiwatsédé. Damião e um grupo de 15 xavantes participaram de todo o trabalho e identificaram que a maior parte da terra estava ocupada pela fazenda Suiá-Missu e o restante por pequenos agricultores. No mesmo ano do GT, Damião foi à Brasília encontrar o Presidente da Funai e pedir apoio para participar da ECO 92. Damião teve apoio da Embaixada Italiana e de diversos atores sociais que faziam parte do GT da FUNAI.

Com o apoio, Damião foi para o Rio de Janeiro participar da ECO 92, junto com indigenistas da campanha Nord Sud: Iara Ferraz, Mariano Mampieri e Patrícia Mendonça. Pela primeira vez, Damião encontrou o empresário que comprou a terra. A Agip dizia já ter vendido o documento da

terra para o governo Italiano, mas Damião afirmou que não desistiria e iria atrás do documento. Com a grande pressão, no dia 10 de junho de 1992, o presidente da empresa italiana Agip Petroli, Gabriel Cagliari, prometeu devolver a “fazenda Suiá-Missu”, ou seja, a Terra Indígena Marãiwatsédé, para os xavantes. Apesar disso, a fazenda Suiá-missu foi leiloada e invadida por fazendeiros, posseiros, latifundiários em um processo articulado por políticos e fazendeiros. No ano seguinte, em 1993, Marãiwatsédé foi declarada terra indígena de ocupação tradicional em portaria do Ministério da Justiça.

Em 1994, Damião foi para Itália em busca do documento e de apoio para pressionar o estado brasileiro a devolver, homologar e retirar os invasores da TI Marãiwatsédé. Damião foi convidado pelo Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, nesse mesmo ano, para ver a demarcação da terra. Os anciões viram o cemitério antigo, a aldeia antiga e pediram que Damião retornasse a Brasília para pressionar o presidente a homologar a terra. Nas palavras de Damião, “Depois, nós retornamos para aldeia e viajei para Cuiabá, quando era o Governador Dante e aí encontrei ele e conversei sobre a terra. Ele prometeu para devolver, a nossa terra mais antes disse você vai para Brasília. ”

O Presidente Fernando Henrique convidou representantes de todos os povos indígenas para saber das dificuldades que passavam nas aldeias. Damião foi acompanhado do ex-Presidente da FUNAI, Sullivan Silvestre²⁰, junto com outras lideranças indígenas na reunião no Palácio do Planalto. Na reunião, Damião contou que foi direto, mostrou o documento da terra, e disse “comecei a falar para pedir a demarcação da terra e ele precisou também assinar o decreto da homologação, porque que estou falando para você: é o pai do Brasil, por isso estou confiando, mas eu não quero demorar tem que assinar agora na minha frente”.

Durante a reunião, o Presidente Fernando Henrique Cardoso assinou a homologação, e foi decretado de identificação da terra no cartório para registrar logo. E Damião conseguiu mais uma conquista para sua comunidade.

A homologação da TI aconteceu em 1998 e Damião continuou lutando para tirar os posseiros e fazendeiros de Marãiwatsédé, porém a justiça segurou. O cacique Damião resolveu tentar retornar ao seu território de origem, iniciando o processo de retomada em 2003. Ao chegar em seu território, foi tudo desmatado. Mas mesmo os invasores, fazendeiros e posseiros, permaneceram acampados para fazer a barreira na BR-158, para os xavantes não passarem, Fizeram barreira com fogo para não deixar os Xavantes entrarem de volta para sua terra. Então, o Cacique Damião acampou também junto da sua comunidade, ele tentou o apoio da Justiça, até que os Xavantes conseguiram entrar em uma porção diminuta do território e fundaram a aldeia Marãiwatsédé.

²⁰ Presidente da FUNAI entre agosto de 1997 e abril de 1998.

Então, neste período, duas crianças morreram no acampamento da BR-158, por causa de poeira, mas também porque os fazendeiros deixaram os animais mortos no córrego, onde os xavantes bebiam água, tomavam banho e buscaram a água para fazer a comida. Alguns dias depois, os Xavantes de Marãiwatsédé se pintaram para entrar onde a terra foi demarcada, então os Xavantes entraram no dia 10 de Agosto de 2004. Os xavantes guerreiros foram junto com seu cacique Damião e tomaram a sede da fazenda karú, onde os Xavantes fundaram pela primeira vez a aldeia Marãiwatsédé.

Assim, os Xavantes de Marãiwatsédé e o Cacique venceram em sua luta. Mas a luta deles foi muita longa, não é fácil. Era a segunda vez, que o Cacique Damião estava em luta por retomada. A primeira luta foi a Terra Indígena Nõrõtsu'rã e hoje chama Terra Indígena Parabubu, depois lutou pela retomada da sua Terra Indígena Marãiwatsédé, e assim os Xavantes de Marãiwatsédé e o cacique Damião terminaram a sua luta. Depois de tanto lutar, não dormiram, ou seja, não mais deixaram invadir o território. Eles vão cuidar para sempre da sua terra, porque os não índios ainda sempre estão entrando escondidos para tirar as madeiras e as riquezas da terra.

5. ALGUNS ASPECTOS DA MATEMÁTICA DO POVO A'UWĚ UPTABI

Neste capítulo, apresentaremos alguns aspectos da cultura que dependem essencialmente de conceitos matemáticos.

5.1 A sequência crescente e decrescente na celebração da iniciação dos adolescentes

A contagem do povo xavante mostra na tradição quando os meninos Ai'repudu passam pela iniciação para se tornarem adolescentes. Os padrinhos dos adolescentes organizam os meninos na sequência do maior ao menor. De um lado, os meninos do clã Po'redza'õnõ; do outro lado, os meninos do clã Öwawě. Durante todo o período em que os meninos vivem no hõ, eles sempre precisam obedecer a sequência até o final da festa. Após a festa, quando já se tornaram 'ritéi'wa, o menor do grupo vai na frente, seguido da sequência do menor ao maior, ou seja, na ordem crescente cultural.



Figura 36: A última dança dos adolescentes, com os anciãos puxando o canto.

Fonte: Aldeia Marãiwatsédé, 30 de abril de 2023. Foto de Felisberto A 'õiru.

Crescente tradicional na Cultura do Povo Xavante

Antigamente o menino clã Po'redza'õnõ maior sempre ficava em primeiro lugar, e o menino do clã Öwawě sempre ficava no segundo lugar. Essa ordem é fixa, pois nunca existe o clã Öwawě ficar no primeiro lugar, porque antigamente os Xavantes sabiam muito bem dentro da sua cultura. Quando os adolescentes fazem as cerimônias rituais da festa os anciãos clã Po'redza'õnõ vai segurar um menino maior, porque o clã Po'redza'õnõ sempre fica em primeiro e no futuro para ser adolescente, então aquele o menino maior pode ficar no primeiro dentro do seu grupo, conforme ilustrado na imagem abaixo:



Figura 37: A ordem crescente dos jovens no 'ritéi'wa

Aldeia São Marcos, 24 de Agosto de 2024

Imagem do José Uratsé

Decrescente tradicional

Na cultura do Xavante quando os adolescentes passam para ser 'Ritéi'wa (Jovens), a fila vai ao contrário e os jovens menor pode ficar em primeiro. Essa a primeira fila em qualquer pessoa não é proibida na cultura do Xavante, porque eles já estão jovens e, portanto, sabem acostumar para andar durante do canto. Assim, na cultura do Xavante, a primeira fila vai mudar, porque na cultura do Xavante o 'Ritéi'wa já tem o conhecimento na vida dos homens, como ilustrado nas imagens abaixo.



Figura 38: Fila de jovens no 'ritéiwa



Figura 39: Jovens aprendendo sobre a vida dos homens no 'ritéi'wa

Aldeia Belém, 28 de Agosto de 2024
Imagem do Paulinho Tseré'urã

Por meio da junção entre as duas filas, do Po'redza'õñõ e Öwawě, um de cada, forma-se a relação entre par e ímpar.

5.1 O corpo como medida para a produção do arco e flecha

Antigamente os xavantes faziam os artesanatos na sua observação e dos seus conhecimentos da sabedoria. Para o homem xavante fazer a flecha, coloca as penas das aves. Utilizam-se duas penas para que a flecha tenha velocidade quando atirar nos animais, nos pássaros e nos peixes.

Quando o homem xavante faz o arco, tira o patis, que são o caule de um tipo de palmeira do cerrado, chamada na língua de *Umnhãtsipré*, ou também a palmeira do mato, chamada de *Umnhãtsi'rã*. Depois, ele corta na altura da sua cabeça, porque assim o homem vai puxar um arco compatível com sua altura para puxar junto com flecha e atirar nos animais e nos peixes.

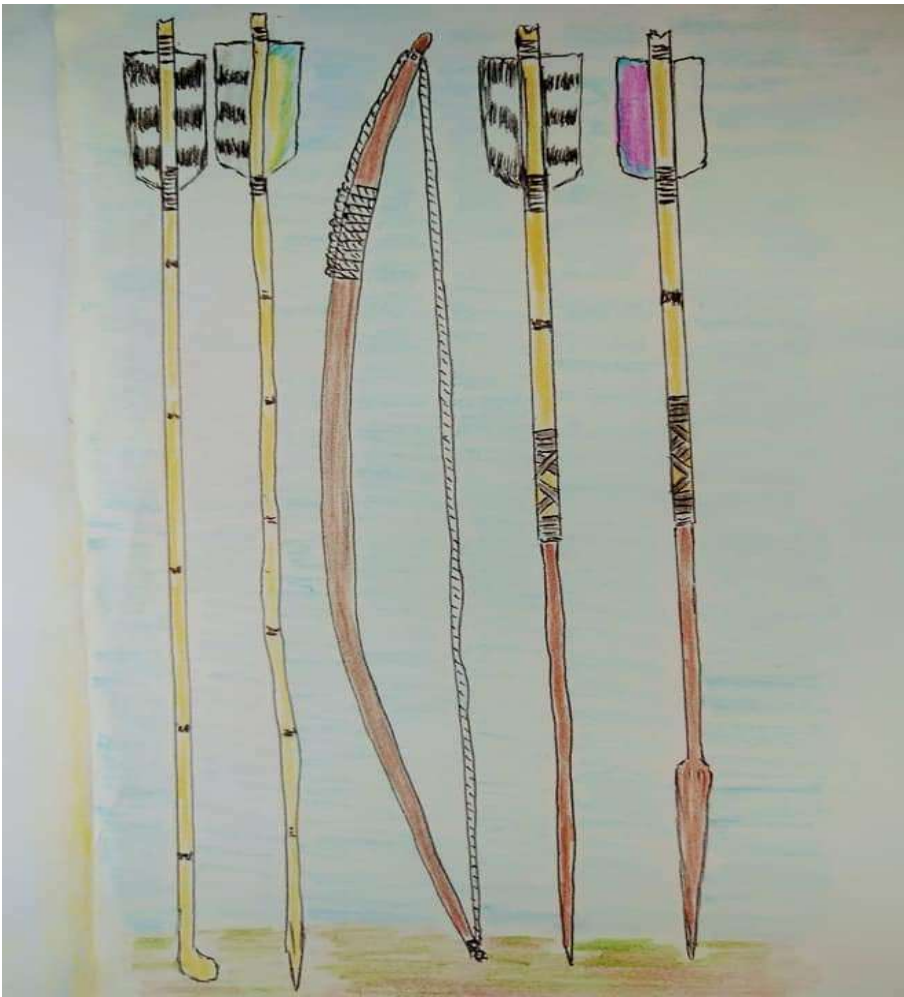


Figura 40: Desenho do Arco e Flecha

Aldeia Marãiwatsédé, 07 de Agosto de 2024
Imagem do Saimon Tsereré'édi

O homem Xavante faz o arco com tamanho da pessoa e vai medir da altura da pessoa, porque alguns muito alto e outros, mais baixos. Mas o homem puxa o arco com muita força para atirar e a flecha fica com muita velocidade quando atirar alguma coisa, como os animais, os peixes, nas guerras e nas festas culturais. Na cultura do Xavante, o arco e flecha representam a força física na tradição do povo A'uwẽ Uptabi. Assim o Xavante fazia o arco e flecha. Não fazia de qualquer tamanho, mas sempre de acordo com sua própria medida.



Figura 41: Xavantes com arco e flecha



Fonte: Dário da Riva, parte do acervo da OPAN



Figura 42: Treinamento no Centro antes da GuerraFonte: Dário da Riva, parte do acervo da OPAN



Figura 43: Homem usa o Arco e Flecha na Festa dos Homens

Fonte: Dário da Riva, parte do acervo da OPAN

5.2 A matemática na corrida de tora de buriti

Antigamente os xavantes cortavam o buriti (*uiwede*). Para tanto, chegavam no buritizal e observavam antes para cortar. Depois, eles cortavam sempre na indicação da costela do buriti (ou seja, dos gomos do buriti). Para ficar bom para carregar na corrida de tora de buriti, eles cortavam quatro costelas. E antes de arrumar, o cortador de tora de buriti pega uma madeira pequena para medir o ombro antes para cortar e também na altura para sentar. Posteriormente, riscaram o buriti e depois o cortador corta bem devagar para não errar a corte de tora de buriti, porque o corte tradicional é uma obrigação dos anciãos na cultura Xavante. Não pode alguém reclamar quando perde a corrida de tora de buriti, por isso, o peso ficava ideal para carregar. Então, o padrinho do adolescente deixa a tora de buriti onde começa a corrida. Na hora da festa da corrida de tora de buriti, os anciãos chegam primeiramente para avaliar se o corte de buriti está correto, se está no tamanho certo e no formato ideal para carregar na corrida. O ancião faz a observação totalmente no olhar. Depois, precisa verificar se o peso de todas as toras está compatível. Para tanto, um ancião mais jovem coloca no ombro e verifica o peso das toras.



Figura 44: Produção da tora de buriti para a corrida. Na aldeia Marãiwasedé, em 05 de fevereiro de 2019.

Fonte: Foto do autor

5.3 O Calendário A'uwẽ Uptabi

Antigamente, o povo A'uwẽ Uptabi se orientava através do seu próprio calendário cultural. Hoje a imposição do calendário escolar impede o uso total do nosso calendário, por conta do não reconhecimento da importância do calendário cultural do povo xavante. Existe calendário cultural do nosso povo.

Antigamente os Xavantes usavam o horário tradicional na observação da sombra de árvore ou da casa. A sombra é a marcação dos dias para do povo Xavante. Quando o sol aparece na parte de manhã, a sombra fica à direita, de modo que demonstra que estamos na parte de manhã (*Mararê*). Pela manhã, os Xavantes fazem quaisquer trabalhos. Também acontecem pela manhã, festas culturais, a caça, a pescaria e outros. Quando a sombra fica com reta no meio do sol, já está no meio dia (*Abdzumawa 'wa*). Por fim, quando a sombra fica à esquerda, já está de tarde (*Höiwahö*) e o sol já vai entrar. Este horário é a marcação tradicional do dia usado pelos Xavante.



Figura 45: Ilustração das fases do dia.

Ilustrador: Saimon Tsereré'édi (Dia 08 de Fevereiro de 2024)

O horário da noite existe também, e quando o sol desaparece já está escurecendo, se chama noite (*Mara*). Na cultura do Xavante, a marcação dos horários da noite ocorre ao contrário do que acontece no dia. Começamos a contar os horários da noite pela esquerda. Se os Xavantes observam as estrelas, e vai achar uma estrela grande que fica onde o sol entra. Trata-se da estrela denominada de *Watsiwawê*, de *watsi* 'estrela' e *wawê* 'grande', chamada em português de Estrela Dalva. Então, na cultura do Xavante, a estrela grande à esquerda mostra o início da noite (*mará*), ou seja, *Watsiwawê* aparece onde o sol saiu (se pôs). Quando *Watsiwawê* fica no meio, no centro, os Xavantes sabem que está na meia-noite (*marawa'wa*). Do início da noite até meia-noite, ou seja, no período de

Watsiwawẽ, os adolescentes *wapté* e jovens *ritéi'wa* cantam para alegrar a comunidade e também para afastar as doenças da aldeia. Por último, a estrela aparece à direita, e os Xavantes sabem que já está de madrugada (*Mararé o rowa 'a*). Nesta última fase da noite, a estrela dalva deixa de ser chamada de *Watsiwawẽ* e passa a ser chamada de *Watsitópré*, de *watsi* 'estrela' e *topré* 'vermelho'.

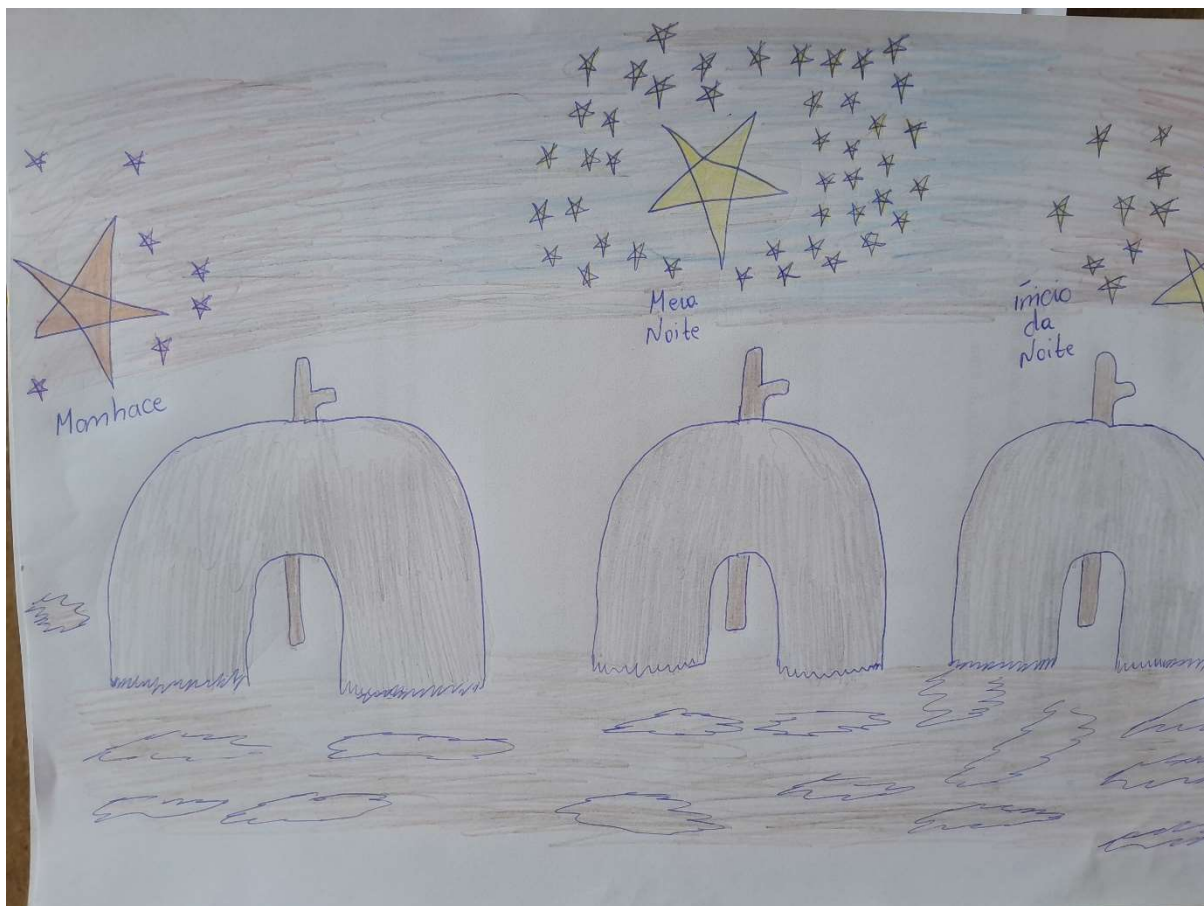


Figura 46: Fases do dia.

Ilustrador: Saimon Tsererédi (Dia 08 de Fevereiro de 2024)

Por sua vez, os dias da semana são contados pela posição da lua. Os meses do ano são observados pelas estações da lua (*A'amo*) sendo, minguante (*A'amo topa*), cheia (*A'amo Tômôdzapodo*), lua nova (*A'amo ité*). Também podemos dizer que as estações do ano indicam os meses. De acordo com a posição da lua, realizamos as atividades culturais. Aqui, citamos apenas algumas das muitas atividades culturais:

- Minguante (*A'amo topa*) - dependendo da posição da lua, momento propício para pesca, espera de caçada no período noturno.
- Cheia (*A'amo Tômôdzapodo*) – também de acordo com a posição da lua e seu tempo representa fartura da caçada, devido ao amadurecimento de frutas, momento próprio de caçada, pesca, coleta de frutas, plantio de algumas sementes e realização de rituais;
- Lua nova (*A'amo Ité*) - corte de cabelos, coleta de feijão, pesca produtiva etc.

Também as estações do ano influenciam nas atividades realizadas pelos Xavante:

A'êta – Tempo da Chuva

Floração das árvores, plantas, procriação de animais, gestação de mulheres (gravidez saudável), ritual de *Oi'ó* (luta dos meninos), pesca produtiva. A divisão entre o tempo da chuva são: *Hômõ wamrô'i'wa*, a chuva que limpa as queimadas, *Utsu*, quando chove no dia e na noite inteira; e *Tã pinidza'é*, quando chove espaçado, ou seja, chove em uma aldeia e não em outras. No tempo da chuva, a chuva chove direto ou chove pouco e o chove muito ou forte junto com trovão, e por isso os Xavantes deu o nome geral *Tã* (Chuva), quer dizer, qualquer a chuva. E a palavra antiga *A'êta* (Chuva) é o nome geral da chuva. Antigamente os Xavante aprendiam o tempo da chuva quando as cigarras cantam e se elas cantam para pedir a chuva para chover e se chama *Tsadaróm'hidi* e quaisquer os nomes gerais de cigarras (*Ódó*), e também os sapos cantam e eles estão pedindo a chuva para chover se chama *Um'rãtede* (sapo grande) e o nome geral de qualquer tipo do sapo: *Uti*.

Wahu - Tempo da seca

A divisão entre o tempo da seca são: *rob'ré* (seca), *tsa'u'u* (tempo frio e do vento) e *rob'ró'o* (muito calor e a água tudo seca). No *Rob'ro*, realizamos expedição de caçada com fogo, casamento, ritual de *Wai'a* (festa dos homens), etc. O *Tsa'u'u* é propício para extração de óleo de coco de babaçu, coleta de frutas comestíveis tanto domesticadas quanto silvestres, caçada noturna; espera etc.

Desde antigamente, os Xavante sabem quando o tempo da seca começa. Para tanto, primeiramente eles observam as estrelas se chamam *Tsi'ruru* se ela aparece onde o sol aparece e ela fica no meio do *warã*, e os anciãos dizem “a chuva vai parar e não vai chover mais”. Nesse tempo, eles também ouvem os cantos das lagartixas e dos *Wahubdzöre*”, um tipo de inseto. Para os Xavantes, quando o lagarto canta, isso indica que o tempo vai secar e a chuva vai parar e o tempo da seca já vai começar. Outro indicativo do início do *Wahu* (tempo de seca) é que observam o rabo de arara vermelha aparecer onde o sol entra. Ao saber da chegada do *Wahu*, os anciãos vão para o *warã* para organizar a programação das festas, porque já apareceu o rabo de arara vermelha se chama (*'Ratabö*).

No tempo da seca, os homens preparam as roças de tocos para plantar quaisquer tipos de comidas. Antigamente, o homem Xavante saía para procurar a terra boa. Se encontrassem a terra preta, escolhiam esse local para fazer a roça. Antigamente, o homem Xavante fazia a roça com círculo e também fazia a medida só na sua observação e na sua mente e quando ele

começa o trabalho na borduna, depois vai recolher os galhos para secar e botar o fogo. Depois que a roça fica na brasa, então o homem Xavante vai começar para plantar de comidas tradicionais são *Nõdzö* (milhos), *Udzôné* (abóbora), *Mõ'õni* (cará tradicional), *A'uwẽ nhim'uhi* (feijão do Xavante) e outras batatas tradicionais. Até hoje os Xavante usam as ferramentas dos waradzu como enxada, foice, facão, faca e outros tipos de ferramentais. Depois o homem Xavante precisa para plantar arroz, mandioca, feijão, abóbora, melancia, mamão, cana de açúcar, banana e outros tipos de comida, como ilustrado nas figuras abaixo:



Figura 47: Milho Xavante (*Nõdzö*), na Aldeia Marãiwatsédé 11 de Dezembro de 2009

Fonte: Sayonara Instituto Amazônica Opan.



Figura 48: Milho Xavante (*Nõdzö*), na Aldeia Marãiwatsédé 11 de Dezembro de 2009

Fonte: Sayonara Instituto Amazônica Opan.



Figura 49: Plantação de milho na Aldeia MarãiwatsédéFonte: Foto do autor, em 02 de Janeiro de 2024



Figura 50: Arroz, Abobara e Mandioca na Roça TradicionalFonte: Foto na Aldeia Marãiwatsédé 02 de janeiro de 2024 (Imagem do Lázaro Ts. Ts.)

Mesmo com tantas obrigações no cumprimento de calendário tradicional, este ainda é respeitado e executado. Os anciãos são os responsáveis pelo Calendário Indígena Xavante, assim toda comunidade tem de obedecer quando eles marcarem os dias e os meses com os líderes da aldeia. Para tanto, os anciãos e anciãs sabem reconhecer as fases da lua (*A'amo*) e também percebem a chegada da estação das chuvas pelas estrelas de água²¹ (*tsiruru*). Como os mais velhos têm muita responsabilidade em manter a nossa língua materna e de preservar a nossa cultura de nossos avôs e avós, eles estão sempre juntos com os mais novos, decidindo, a partir do calendário, a marcação dos momentos de pintura de corpo da dança e nas próprias realizações festas religiosas.

O líder da aldeia tem de chamar o responsável de calendário para decidir sobre todos os eventos que ocorrem na aldeia: uma grande caçada; o momento certo de fazer seus próprios artesanatos; e preparar as roças para o plantio em roça de tocos. Particularmente importante é a decisão sobre o momento de fazer as festas: a festa de iniciação dos homens (*danhõnõ*), a festa religiosa (*Wai 'a*), festa de nomenclatura de mulheres (*Pi'õnhitsidzé*).

Na organização social entre o povo Xavante, o responsável pelo Calendário tem grande prestígio pela sua comunidade da aldeia. Isso acontece porque o responsável tem um significado especial para comunidade Xavante, porque ele ajuda a manter as tradições, os costumes e a religião – tudo o que forma nosso sistema de contagem própria -, porque os nossos bisavôs deixaram para nós. Ninguém poderá deixar os próprios costumes que Deus deu a cada povo.

21 Lázaro traduziu Tsiruru por estrela de água, posteriormente, ao conversarmos, explicou que se tratava de orvalho. Mantive aqui a primeira tradução por conta de sua beleza. [Nota da orientadora].

5.4 A Geometria Tradicional do povo A 'uwē Uptabi

A geometria dos Xavante é baseada nos modelos que estão na natureza. Trata-se de um conhecimento de origem dos Xavante. Para fazer os artesanatos, por exemplo, utilizamos a observação da natureza, porque as espécies naturais, como animais e pássaros, servem de modelo para o artesanato. Na escola, os professores Xavantes que trabalham área de Matemática descobriram que antigamente se usava qualquer enfeite do artesanato tradicional com motivos da natureza. Cabe ao professor Xavante da Matemática juntar os conteúdos, que vêm dos livros didáticos e os do próprio conteúdo da natureza.

Na Matemática do Xavante, existe a geometria tradicional, que provém da natureza. Por isso, para o professor Xavante poder trabalhar a geometria tradicional com os seus alunos, deve conhecer a geometria da natureza.

Vale ressaltar que a geometria do Xavante sempre existiu no conhecimento próprio, mas hoje o professor da Matemática pode aplicar o conteúdo próprio do Xavante, a nossa realidade, juntamente ao conteúdo do não-índio. Por exemplo, na sala de aula, os professores Xavantes podem fazer a comparação da geometria do Xavante e do não-índio. Desta maneira, os professores Xavante estão também aprendendo a geometria tradicional, como os anciãos contaram para as antigas gerações. Com isso, os alunos Xavante precisam aprender e conhecer a geometria dos Xavante, em comparação com a dos *waradzu*, na sala de aula da aldeia.

É importante reforçar que o conceito de geometria tradicional do povo Xavante é sempre para uso prático. Usamos a geometria em diversas formas, como vimos na construção da casa, no corte da tora de buriti, etc. Em outras palavras, o conceito de geometria tradicional se dá na praticidade da vida do povo Xavante. A geometria Xavante não é abstrata.

O professor procura explorar o máximo dos alunos a sua criatividade na aplicação da geometria tradicional do Xavante. O professor mostra para aos seus alunos que a geometria dos Xavantes está na natureza, por isso é necessário observar a natureza. O professor usa dos seguintes exemplos com seus alunos; a casca do tatu, a casca do jabuti, a casca da cascavel e a cabeça da coruja e outros animais é possível estudar a geometria Xavante.



Figura 51: Jabuti

A partir desse estudo dos elementos da natureza, o povo Xavante elabora o seu desenho, a pintura e o artesanato - tudo isso faz parte da cultura Xavante. Por exemplo, a casca do jabuti serve como modelo para a criação do *dza'u'e*, que é o nome da ave tuiuiu ou jaburu. Tanto mulheres quanto homens podem usar um *dza'u'e*, como na ilustração abaixo, na festa da *Abahi'rãihidiba*.



Figura 52: Pi 'õ usando um dza 'u 'e, durante a festa do Abahi'rãihidiba. Fonte: Foto na Aldeia Água Limpa

Então, no conceito da geometria tradicional, a matemática dos Xavantes. e a matemática do não índio caminham lado a lado na cultura Xavante dentro da escola. Porque, os alunos precisam compreender a importância da aplicação da geometria tradicional na sua cultura e no cotidiano da vida, e diferente dos não indígenas. A geometria Xavante, ou seja, a geometria ancestral está dentro do povo A'uwẽ Uptabi, está no olhar Xavante.

Por isso, o professor Xavante deve ensinar bem para seus alunos dentro da sala de aula. Na geometria tradicional, tudo que o Xavante vê é geométrico. Na cultura do Xavante, não precisa de usar a régua para medir quando faz a pintura corporal, também não se usa régua para fazer o artesanato. As medidas necessárias para desenvolver os traços geométricos, seja nos desenhos, pinturas e artesanatos, é olhar com atenção.

5.5 A Construção de casa antiga 'ri uptabire



Figura 53: Sr. Azevedo Tserewa'warã Xavante em frente a 'ri uptabire, na aldeia Bõ'u, na Terra Indígena Marãiwatã. Fonte: OPAN

Antigamente a casa do Xavante era redonda, coberta com a palha do coquinho na língua *'retsu*, tipo de folha do coquinho que fica no cerrado.

A construção de casa é o trabalho do homem. O homem Xavante faz a sua casa com a madeira, porque o homem Xavante pensa primeiro se as famílias aumentarem dentro da casa e pode fazer a casa nova, mas se casa fica ruim e vai precisar fazer a casa nova. Primeiramente, ele conversa com sua esposa, entre eles para dividirem o trabalho, porque o trabalho da mulher é buscar a folha do coquinho *'Retsu* e o homem vai tirar as madeiras no mato para fazer a construção de casa.

Então, na construção de casa, a família ajuda: A mulher busca a folha do coquinho *'Retsu*, as irmãs vão juntamente com ela para tirar o *'Retsu*. Igualmente, o homem Xavante tira as madeiras sozinho. Quando ele termina, os filhos, os irmãos, os cunhados ou os netos podem ajudar a carregar as madeiras no ombro para deixar no local onde o homem vai construir a casa.

Depois de coletar a matéria-prima, o homem vai começar a construção da casa. Primeiro, coloca uma madeira no meio. Depois, ele vai observar para fazer os buracos no círculo onde vão

colocar as madeiras. O homem Xavante sabe o cálculo do espaço na sua mente. Essa madeira central é chamada na língua de *tsihuiwede*. São escolhidas madeiras fortes para essa função, como por exemplo, oiti, *i'rãihãwede*.

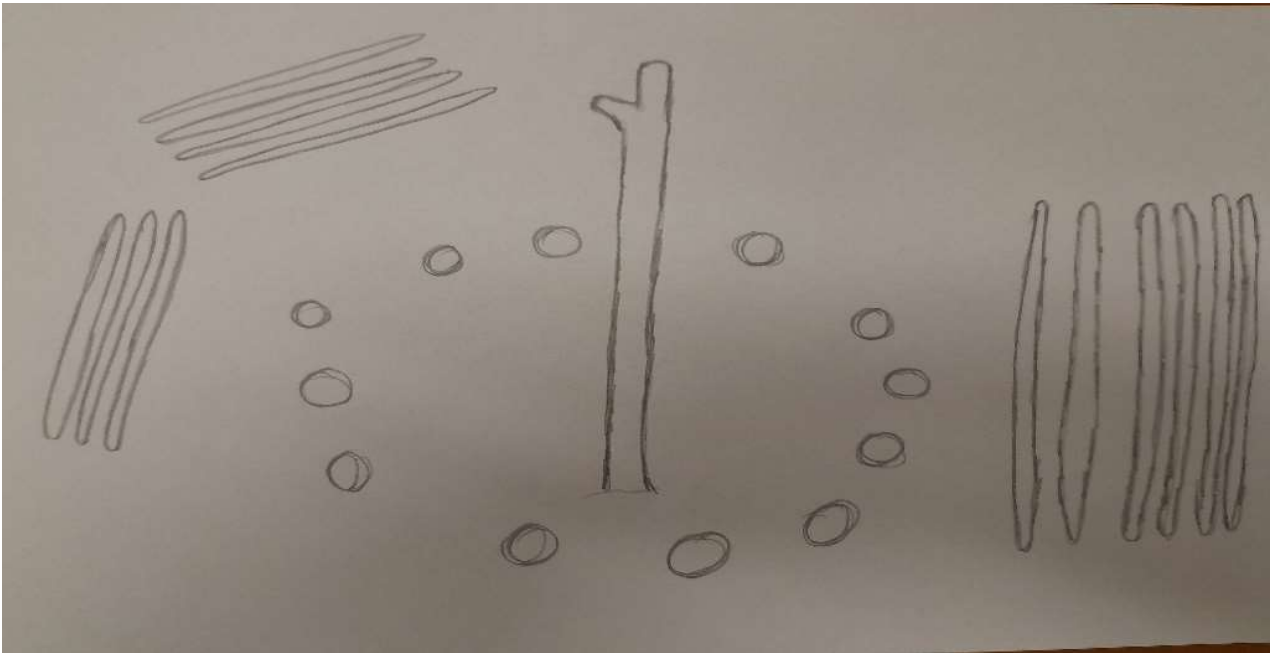


Figura 54: Primeiro passo para a construção da casa tradicional 'riuptabire: colocação da *tsihuiwede* Fonte: Ilustração do autor

O homem Xavante termina os buracos, onde coloca as madeiras flexíveis em cada um dos buracos e amarra a madeira que fica no meio. O Xavante sempre usa para amarrar a fita de buriti se o Xavante chama *Tsuwaipó*. Essa madeira flexível é chamada de *wedeware*.



Figura 55: Segundo passo para a construção da 'ri uptabire: colocação das *wedeware* Fonte: Ilustração do autor

Depois da colocação das madeiras, o homem vai começar a amarrar os bambus na horizontal. Cada uma das madeiras para segurar a casa, de modo que a casa fique firme e mesmo se vento aparecer, não vai derrubar. Os bambus e as madeiras verticais são amarrados com fita de buriti. Assim o homem Xavante amarra os bambus no talo de buriti, porque antigamente os Xavantes sempre usam no talo de buriti e ainda hoje os Xavantes usam do *Tsuwaipó*. Esse bambu que fica na horizontal é chamado de *um 'rãna*.



Figura 56: Terceiro passo para a construção da 'ri uptabire: colocação de um 'rãna.

Fonte: Ilustração do autor.

Depois que o homem amarrou os bambus, vai começar da parte de colocação das palhas de coquinho *'Retsu* para cobrir as madeiras e quando começa seu trabalho para cobrir a sua casa não vai descansar, porque ele vai pensar tem de acabar logo, mas a casa fica pronta e a casa fica redonda ou círculo e os Xavantes chamam *'Ri uptabire*. Na língua do *waradzu*, *'ri uptabire* significa 'casa antiga do Xavante'²².

22 De 'ri 'casa ' e uptabire 'verdadeiro '. Portanto, a tradução etimológica seria casa verdadeira. [Nota da orientadora]



Figura 57: Quarto passo para a construção da 'ri uptabire: colocação de 'Retsu

Fonte: Ilustração do autor

Antigamente, o Xavante usavam os materiais de construção da casa só as madeiras *Wede*, os bambus *Um'rãñã*, as palhas do coquinho *'Retsu*, o talo de buriti *Tsuwaipó* e as bordunas *Uibró*. Essas ferramentas tradicionais da construção do Xavante.



Figura 58: Aldeia com casas redondas, na década de 1940

Fonte: *Jornal O Cruzeiro*, 24 de junho de 1944. Acervo do Museu do Índio, Goiânia.

Todos os xavantes abandonaram essa forma de construção de casa. Apenas na Terra Indígena Pimentel Barbosa, fazem a casa dos adolescentes, que chama na língua materna *Hö*. Para outros fins e no resto das comunidades, usam a casa do não índio *Waradzu*, cuja forma de construção será explicada na próxima seção.

5.6 A construção de casa atual do povo xavante

Atualmente a construção de casa do Xavante mudou a forma para o retângulo, porque hoje o Xavante acostumou a construir casa do mesmo modo que o *Waradzu*. Hoje, o Xavante vai construir a casa com o quadrado e vai usar as ferramentas do não índio, como o *Maripibudzé* (treno), *Maritédzé* (prego), *Tsib'édzé* (facão), *Popanõné* (foice), *Ropta'adzé* (martelo), *Hötöra* (machado) e outros.

Quando o homem Xavante faz a casa atual, compra as ferramentas do não índio para guardar até fazer a construção da casa. Hoje em dia a construção da casa do Xavante é no formato de quadrado ou de retângulo. Igualmente como se fazia antigamente, a construção da casa continua a ser o trabalho

do homem Xavante. Primeiro, buscam as madeiras no mato, depois recolhem tudo e deixam bem guardado ainda no mato. Mais tarde, o caminhão vai buscar para trazer até a aldeia.



Figura 59: Início da construção da casa atual

O homem Xavante mede no treno o local onde ele vai construir a sua casa. Ele também precisa decidir para construir se a casa será quadrada ou em forma de retângulo. Quando tem muitos filhos, vai construir no retângulo. Quando os filhos são poucos, vai fazer no quadrado. Então, o homem faz os buracos para começar a construção de casa.

Depois o homem coloca as madeiras e antes, para cobrir a casa, prega os bambus para segurar as folhas de buriti e também a folha de macaúba. A busca por folha de buriti é o trabalho da mulher Xavante e a folha da macaúba é o trabalho do homem.



Figura 60: Construção de 'ri com folha de macaúba

Também hoje os Xavantes cobrem a sua casa com a lona de plástico junto com a folha de macaúba.



Figura 61: Construção de 'ri com folha de macaúba e lona

Atualmente, o Xavante cobre a casa com lonas ou com telhas. Quando o homem começa fazer a casa, ele usa no treno para medir o local onde vai construir da casa. Infelizmente, precisamos usar as coisas dos brancos, como as telhas e as lonas, porque dentro da Terra Indígena os fazendeiros desmataram tudo, o cerrado e a mata. Por conta do desmatamento, é difícil encontrar as palhas do coquinho 'Retsu para cobrir a casa na sua tradição e as madeiras para fazer as vigas. A perda da biodiversidade da Terra Indígena levou a mudanças na construção da casa do Xavante.



Figura 62: Casas atuais na Aldeia Burupá

6. A MATEMÁTICA NA ESCOLA XAVANTE ATUAL

Atualmente, nas aulas de Matemática do Xavante na escola indígena, os professores indígenas podem trabalhar a própria Matemática e podem ensinar também com Matemática do não índio, juntando os conhecimentos. Isso porque a Matemática hoje é muito importante para todas as atividades da vida. Se alguém não souber a Matemática, vai ter problemas no cotidiano. Por exemplo, se as crianças ou jovens não sabem a Matemática dentro da escola como vão ajudar seus pais na cidade? Porque hoje nós, Xavante, temos as aposentadorias e bolsa família. Por isso, os professores Xavantes têm de ensinar bastante dentro da sala de aula para os alunos Xavantes aprenderem bem para acompanhar seus pais na cidade, para os brancos não roubarem o dinheiro do Xavante.

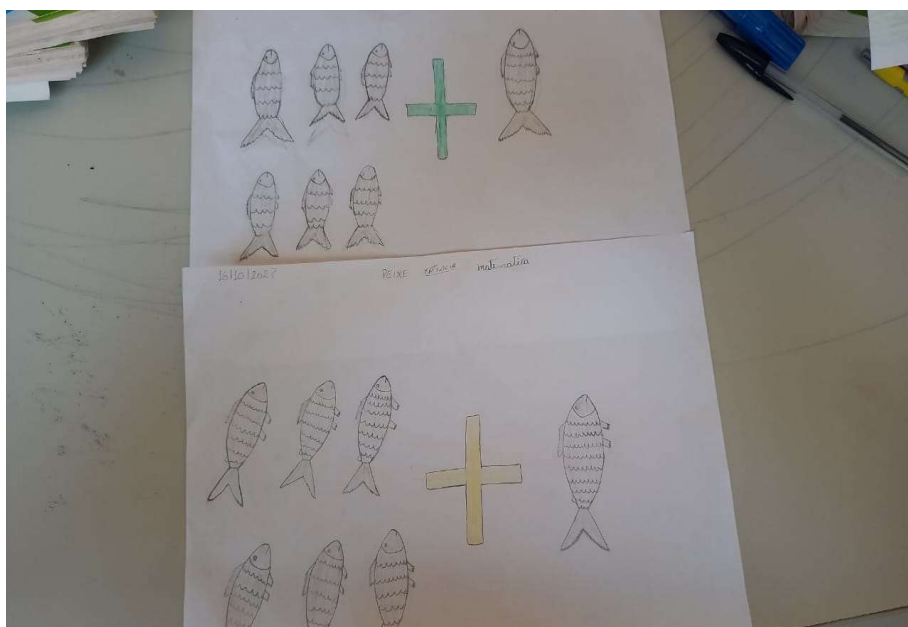


Figura 63: Exemplo de atividade de soma em aula de Matemática

Além disso, a matemática é uma linguagem para os professores ensinarem na escola, porque os alunos precisam aprender a matemática própria e a do não índio. Porque, agora os alunos Xavante precisam aprender os números do não índio *Waradzu* e podem traduzir na sua língua Xavante. Antigamente, não existia os números em Xavante para contar na oralidade. Mas há um sistema para distribuir a caça, por exemplo. Se em uma caçada, quatro caçadores conseguem encontrar e matar uma queixada, eles precisam distribuir com seus colegas caçadores, conforme a seguinte regra: o que de fato matou o animal entrega para um caçador de outro clã a cabeça (chamada em Xavante de *irã*) e também uma parte da coluna, chamada atualmente de *iwa 'u* e chamada antigamente de *iprutsire*. Por sua vez, o matador recebe o *ipanõ* (patas dianteiras da queixada), *inõmore* (fígado) e outras

entranhas. Se houver mais caçadores, o terceiro leva *ĩdza mitsi* (coxas trazeiras), e vai complementar com *itsowa* (barriga). Se tiver mais um, o outro leva a outra *ĩdza* (coxa trazeira) e vai complementar com costela. Abaixo, reproduzimos um desenho feito pelos alunos de Lázaro ao aprenderem sobre as regras de distribuição da caça entre os A'uwẽ Uptabi.

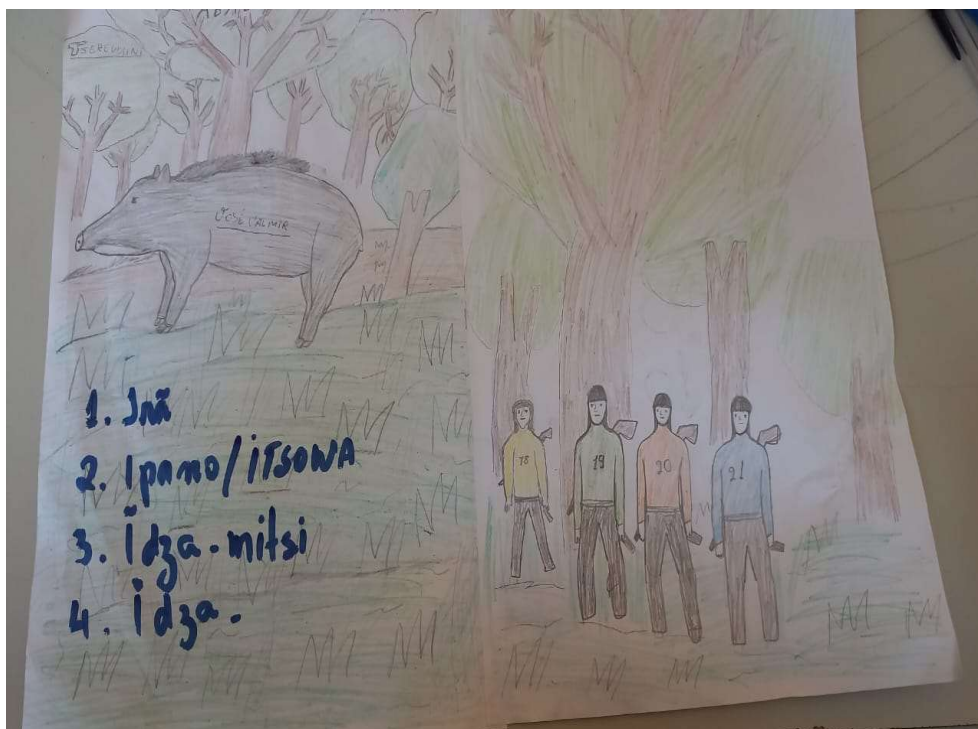


Figura 64: Divisão da caça entre quatro caçadores

6.1 Algarismos na língua A 'uwẽ: a concepção dual se mistura com a descrição do sinal gráfico

Antigamente a contagem ocorria só na oralidade (*Damréme natsi*) e na observação (*Imadö'ö natsi*) e na mente ou no pensamento (*Rotsa'rata natsi*). A atuação missionária dos salesianos provocou mudanças na matemática do povo Xavante, gerando problemas para os Xavantes dentro e fora da sala de aula. Investiram no “desenvolvimento” de um novo sistema numérico, que vem do número ocidental do indo-arábico. Para tanto, realizaram uma conferência na Terra Indígena São Marcos, em 1977, para a unificação da escrita do Xavante. Nessa conferência, também houve uma atenção particular aos números. O mestre Adalberto Heid²³ escreveu na lousa o algarismo zero, que foi chamado de babadi ‘não tem’. A partir daí, reestruturaram o sistema numérico do povo, que deixou de seguir a lógica tradicional (contagem baseada em agrupamentos de 2), passando a seguir a lógica de base 0 até 10, predominante da cultura ocidental.

23 Um homem alemão que morou muitos anos entre os Xavante.

Os primeiros números tinham nomes que indicavam conceitos semânticos, derivados da ideia de dupla.

- 1 Um (*Mitsi*) coisa uma só, mas sem companheiro
- 2 Dois (*Maparanê*) é o início da contagem, porque coisa fica junto em dual.
- 3 Três (*Tsi 'ubdatô*) é o ímpar, na palavra antiga do Xavante só multiplicar (*Ãma Iwaptó*).

Então, os padres salesianos e os Xavantes inventaram para transformar a tradução dos números que vem do indo-arábico. Assim, os Xavantes conseguiram a tradução dos números na língua Xavante e até agora os alunos Xavantes acostumaram dentro da sala de aula e não pode abandonar a escrita dos números na língua materna.

- 4 Quatros (*Maparané tsi'uiwanã*) é o dobro de *maparané*.
- 5 Cincos (*Imrotô*) significa “sem companheiro”, sem esposa (*imrô* = esposo, *tô* = sem), ou seja, o número ímpar.
- 6 Seis (*Imrôpö*) aquele que está junto ao seu par, que está junto da esposa (começo de um povo: 2 homens, sendo um de cada clã, duas mulheres, sendo uma de cada clã, e duas crianças, sendo também uma de cada clã).

A partir do número 7, há uma tendência aos nomes dos números serem baseados no formato dos símbolos dos algarismos arábicos:

- Sete (*Wawinhĩ'ubdatô*) - a risca da coisa em três, como o algarismo 7 na grafia no papel;
- Oito (*I'rãdzahu*) tem dois redondos quer dizer tem duas cabeças.
- Nove (*Para'õtôwe*) a perna virada
- Dez (*Mitsitó*) só um olho.

O termo para o algarismo 7 é *Wawinhĩ'ubdatô*, porque é escrito com três riscos (no caso do algarismo escrito no papel). Por sua vez, o algarismo 8 é *I'rãdzahu*, que significa que tem duas cabeças, de *irã* ‘cabeça’, juntamente ao morfema de dual *dzahu*. O algarismo 9 é *Para'õtôwe* que significa que aquele que tem uma perna. Por fim, o algarismo 10 é *mitsi* ‘um’ com *tó* ‘olho’.

6.2 A aula de Matemática A'uwẽ Uptabi: bilinguismo e interculturalidade



Figura 65: Foto na Universidade de Estado do Mato Grosso 16 de Julho de 2013Fonte: Imagem do acervo de Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo



Figura 66: Foto na Aldeia Marãiwatsédé 14 de Outubro de 2014Fonte: Imagem do Lázaro Tserenhemewe Tserenhitomo

A aula que preparamos para transmitir é sempre baseada nos conteúdos próprios que nos acostumamos do passado e usamos em dia a dia, mas também nós usamos até agora nos livros didáticos do waradzu. Até hoje nós usamos as cartilhas que os padres salesianos produziram. Trata-se de um livro produzindo na língua Xavante e na língua portuguesa. Adicionamos o nosso conhecimento que provém dos nossos ancestrais. Quer dizer, trazemos de outra cultura alguns conhecimentos para fortalecer a nossa aula, mas até hoje não perdemos a nossa essência.

A aula de matemática do A'uwẽ Uptabi é bilíngue na escola da aldeia, porque os professores já têm experiência para dar a aula na escola da aldeia. Isso porque alguns os professores formaram no curso de licenciatura em Educação Intercultural da UFG, na habilitação em Ciência da Natureza, por isso já sabem aplicar na língua portuguesa e podem traduzir na sua língua materna para seus alunos aprendem a aula de matemática dentro da sala de aula. Porque, nós Xavantes ainda mantemos a língua manter viva, e ainda o nosso diálogo só na língua materna.

Para os Xavantes a matemática é uma linguagem, por isso o professor Xavante pode trabalhar na escola para seus alunos e deve ensinar as duas línguas. Que também deve respeitar da outra cultura do povo indígena. Porque cada povo tem a sua história de matemática.

Hoje, na aula matemática, o professor Xavante ensina também na língua portuguesa, porque ele vai escolher os conteúdos que vem dos livros didáticos *waradzu*, mas o professor Xavante escreve no quadro com a língua portuguesa, mas a explicação do professor Xavante ocorre na língua materna dentro da sala de aula para seus alunos aprenderem bem a explicação e durante da aula matemática.

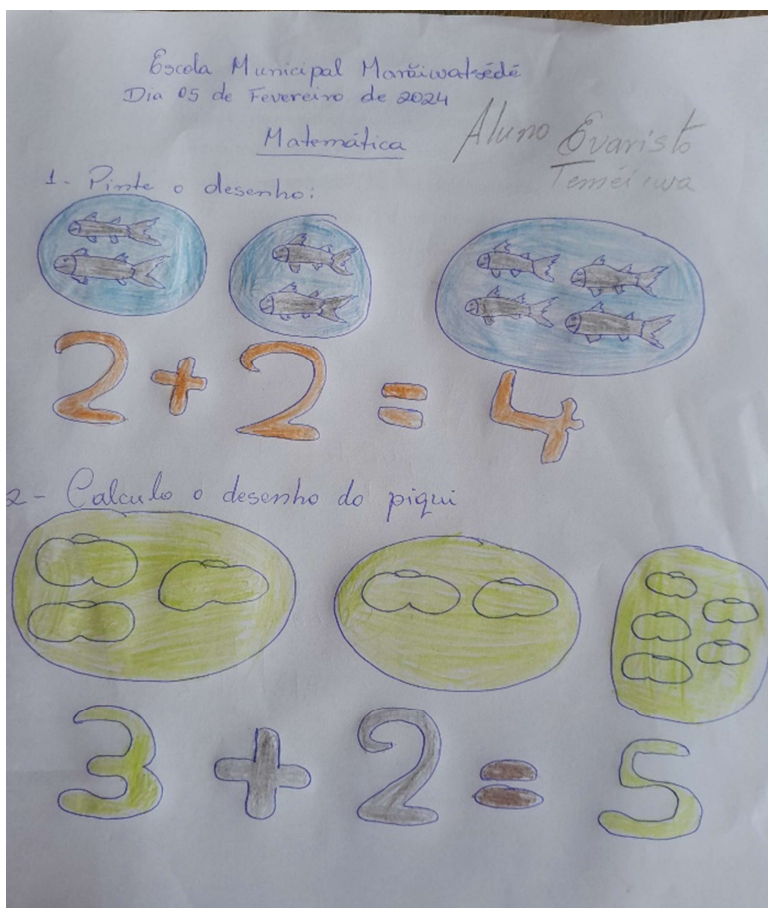


Figura 67: Atividade de Soma na Escola Municipal Marãiwatsédé

Fonte: Foto do autor, 05 a 06 de fevereiro de 2024.

É importante entender que a aula de matemática é um desafio, porque nos leva necessariamente a trabalhar de forma bilíngue. Nós Xavantes nascemos com a língua própria, porque

a língua do Xavante é muito forte e sempre existe a nossa cultura viva. A língua está na nossa veia e nossos costumes também. Então, quando as crianças Xavante entram na escola, ela já sabe falar na língua materna, mas não fala na língua portuguesa. Dentro da escola, aprende a segunda língua, quando ela estuda bastante dentro sala de aula.

Dentro da escola os alunos conversam bastante com seus colegas na própria língua. Se o professor manda escrever, os alunos escrevem e já conhecendo a escrita e a leitura do Xavante na observação. A criança Xavante aprende no olho, no ouvido e na mente, mas tem timidez para apresentar. Se os alunos gostam com o mesmo tempo, vai aprender a outra língua e o desenho.



Figura 68: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica de Marãiwatsédé

Fonte: Do autor

Os alunos do ensino fundamental já têm o conhecimento de aprendizagem todas as matérias de disciplinas e conseguem fazer sozinhos e sabem escrever e ler. Então, o professor pode ensinar o diálogo um pouco na língua portuguesa para os alunos aprenderem dentro da sala de aula. Assim, os alunos vão recolhendo as palavras mais fáceis e decorando na sua mente. Aos poucos, os alunos vão entender os cálculos e vão conseguir revolver os problemas na língua portuguesa. O professor pode ensinar nas duas línguas, porque a situação está sempre mudando. Por isso, os alunos devem estudar bastante a segunda língua dentro da escola. Isso, porque hoje os Xavantes estão entrando na cultura ocidental. Nós Xavantes também somos cidadãos brasileiros, por isso os alunos devem aprender na escola bilíngue.



Figura 69: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica de Marãiwatsédé

Fonte: do autor

Os alunos do ensino médio têm capacidade fazer o texto na língua portuguesa e já tem experiência para trabalhar o conhecimento, porque o aluno é sempre lembrado do estudo na série inicial. Então, o aluno do ensino médio tem conhecimento para usar o bilinguismo na escola. Também o aluno do ensino médio é capaz de aprender matemática e pode fazer os cálculos, resolver os problemas, a equação do 2º grau, geometria e outros.

O professor Xavante trabalha na escola bilíngue. O professor ensina a leitura na língua portuguesa, mas, ao mesmo tempo, a sua explicação é na língua Xavante. Porque nós Xavantes crescemos com a nossa língua própria, que vem da nossa família, só que nós aprendemos a outra língua dentro da escola para defender dos nossos direitos e pelo do nosso território.



Figura 70: Crianças estudando na Escola Estadual Indígena de Educação Básica



Fonte: do autor, 03 de junho de 2022.

6.3 Estudos sobre concepções matemáticas de povos indígenas

As concepções matemáticas de povos indígenas vêm dos seus ancestrais e da sua realidade e também que as próprias práticas matemáticas, que estão ligadas às sabedorias e dos seus conhecimentos próprios das culturas e tradições de cada povo. A concepção de matemática indígena de cada povo é diferente para ensinar nas suas escolas, porque cada um tem o modo diferente e principalmente as línguas, as culturas, os costumes e as religiões e outras, mas que pode ser compreendendo o contexto das etnomatemáticas, que cada um pode publicar em cada as escolas indígenas e para conhecer a Matemática dos povos indígenas.

Aqui vale destacar a importância da Etnomatemática de povos indígenas, como uma opção valiosa para os professores indígenas para destacar as histórias dos outros povos e as culturas indígenas. Eu acredito que hoje os povos devem aprender a realidade do outro povo. Desse modo, podem abordar as matemáticas de outros povos na escola pública. A Etnomatemática é muito importante para mostrar o jeito de pensar do outro povo, porque os povos indígenas apresentam diversidades do seu ensino da matemática.

Como explica Ferreira (1998), a maneira mais comum de se ensinar Matemática dá a entender que números, cálculos, unidades de medida e concepções do espaço sempre existiram. O contato entre os vários povos sempre possibilitou a troca de experiências e de ideias matemáticas. A Matemática construída hoje nas escolas indígenas no Brasil tem a capacidade de articular conhecimentos culturalmente distintos. O sistema numérico decimal traz informações sobre os algarismos indo-árabicos, a escrita e o valor posicional dos números.

Hoje, a matemática do xavante é ensinada nas escolas dos missionários salesianos São Marcos (Ëtênhôpré), a Escola Estadual Indígena de 1ª e 2ª grau Dom Felipo Rinaldi em Sangradouro (Tsõ'Rehipãri), a Escola Estadual Indígena de 1ª e 2ª Grau São José. Desta forma, o ensino do Salesiano foi contribuindo a concepção da matemática do povo A'uwẽ Uptabi. Mais detalhes sobre o ensino da matemática entre os Xavantes podem ser encontrados no livro *Com quantos paus se faz uma canoa! A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena*, de Ferreira (1998), Severino Filho e Silva (2023), Silva, Severino Filho e Ferreira (2021), Silva (2013), entre outros trabalhos desse mesmo autor.

Assim, matemática pode ser aprendida na escola Xavante. Para tanto, a escola do Xavante precisa aprender os algarismos indo-árabico, para aprofundar mais junto com seu próprio conhecimento e aprendizagem dentro da escola. Na concepção de Matemática indígena, são diversos conhecimentos no sistema de contagem próprio, por isso os povos indígenas foram produzidos seus livros didáticos para trabalhar dentro da escola indígena.

Entre os trabalhos sobre matemática escrito por indígenas, citamos aqui dois trabalhos realizados por pesquisadores do povo Akwẽ (Xerente, família Jê Central): Jurandi Xerente (2015) e do Leonardo Xerente (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este meu trabalho sobre a transmissão do conhecimento e saberes do povo Xavante, A'uwẽ Uptabi, particularmente olhando para a contagem dos antigos e a Matemática do Xavante. Fiz este trabalho porque no futuro, eu quero produzir o livro didático para a minha escola, porque a escola precisa mostrar o sistema de contagem dos Xavantes e para os alunos fazerem a leitura que também eles podem conhecer a história da realidade da Matemática do Xavante.

Na verdade, a comunidade da Aldeia Marãiwatsédé queria seu livro didático próprio, porque as crianças e os jovens devem aprender a história da Matemática do Xavante que o antigamente usava a contagem tradicional. Acredito que as crianças e jovens devem fortalecer e valorizar a história da Matemática na cultura do Xavante e precisam colocar isso na escrita para guardar para as próximas gerações.

Então, os alunos precisam aprender a leitura de história da Matemática do Xavante, e, assim, poderem continuar contando essa história para a juventude, uma geração passando para outra. Os anciãos da aldeia Marãiwatsédé precisam contar mais essas histórias e conhecimentos matemáticos para todos os jovens. Por sua vez, os jovens têm que anotar no escrito e produzir o livro didático próprio para todas as escolas indígenas que existem em cada de região, de modo que todos os alunos possam ler a história da Matemática. Porque, os alunos não sabiam as suas regras sociais nas festas culturais e nas práticas tradicionais.

Além disso, os alunos devem aprender a contagem do Xavante na sua cultura, então os jovens podem respeitar que os ancestrais usavam na contagem tradicional. Porém, os alunos podem aprender a Matemática Xavante. E, na minha concepção, é importante criar uma cartilha para distribuir para todas as escolas dos Xavantes.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

Dário Penhõrõ Tsirui'a

Lourenço Tserewatsa

Donalino 'Rã'wari Tsere'õmõrâté

Padre Aquilino Tsere'ubu'õ Tsirui'a

Adailton Alves da Silva

Professor Martinho Tsere 'ediwe

Fontes escritas

FERREIRA, Mariana K. Leal. *Com quantos paus se faz uma canoal! A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena*. Brasília: Mistério da Educação e do Desporto, 1998.

GOMIDE, Maria Lucia C.; SILVA, Marcelo e Marcelo Silva. 2007. *Localização das Terras Indígenas Xavante –MT* [mapa]. Disponível em <https://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/6888/img-1.png>, acesso em 04 de agosto de 2024.

MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo*. São Paulo: 2019.

SEVERINO FILHO, J. ; SILVA, Adailton A. da. As emergências das matemáticas e a decolonização do pensamento científico do lado de cá. *Revista de Educação Matemática*, v. 20, p. e023073-18, 2023.

SILVA, Adailton. A. da; SEVERINO FILHO, J. (Org.) ; FERREIRA, L. L. (Org.) . *ETNOMATEMÁTICA - Os Múltiplos Olhares Para os Saberes Locais*. 1. ed. Tangará da Serra-MT: Editora Tangará, 2021. v. 1. 238p.

SILVA, Adailton A. da. *Os Artefatos e Mentefatos nos Ritos e Cerimônias do Danhono: por dentro do octógono sociocultural A 'uwẽ/Xavante*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

SILVA, Adailton A. da. O Ser A 'uwẽ/Xavante Através do Saber/Fazer Matemático”. In *Educação Etnomatemática: concepções e trajetórias*. Organizadores: SILVA, Adailton A. da Silva, JESUS, Elivanete A. de e SCANDIUZZI, Pedro P. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010.

SILVA, Adailton A. da. (Org.). *Matemática Tapirapé - sistema de contagem, marcadores de tempo e medidas*. 1º ed. Cuiabá: Defanti Editora, 2007.

SILVA, Adailton A. da. *A Organização Espacial A 'uwê-Xavante - um olhar qualitativo para o espaço*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

XAVANTE, Jair T. *As fases na vida da criança Xavante: do A 'utére ao Ri 'tei 'wa*. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Campus de Barra do Bugres, Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso, 2016.

XERENTE, Leonardo S. *Uso de jogos e brincadeiras Akwẽ e o ensino da matemática*. Trabalho de Conclusão de Curso (Projeto Escolar), curso de Educação Intercultural, do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, da Faculdade de Letras da UFG, 2016.

XERENTE, Suwate-Jurandi S. *Teorização de Conhecimentos Matemáticos Tradicionais Akwẽ*. Trabalho de Conclusão de Curso (Projeto Escolar), curso de Educação Intercultural, do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, da Faculdade de Letras da UFG, 2015.